



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Wiliane da Silva Pinto

**EFEITOS PSICOLÓGICOS DA NEGAÇÃO DA ANIMA EM SUJEITOS
CONTEMPORÂNEOS: um estudo da literatura Analítica sob representações arquetípicas por
meio dos sonhos**

Palmas – TO

2019

Wiliane da Silva Pinto

EFEITOS PSICOLÓGICOS DA NEGAÇÃO DA *ANIMA* EM SUJEITOS
CONTEMPORÂNEOS: um estudo da literatura Analítica sob representações arquetípicas por
meio dos sonhos

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Palmas – TO

2019

Wiliane da Silva Pinto

EFEITOS PSICOLÓGICOS DA NEGAÇÃO DA ANIMA EM SUJEITOS
CONTEMPORÂNEOS: um estudo da literatura Analítica sob representações arquetípicas por
meio dos sonhos

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa Dra. Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Me. Muriel Correa Neves Rodrigues

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2019

Dedico este trabalho a quem se permite o contato com a extraordinária percepção e vivência simbólica da vida, a quem lhe interessa compreender os nuances da Psicologia Analítica e a quem, claramente, tiver interesse em ler.

AGRADECIMENTOS

Por concluir esta pesquisa e encerrar mais um ciclo entre tantos sou grata a minha potência de ação, que foi descoberta com a ajuda de quem está ao meu lado me confirmando, amando incondicionalmente e me motivando. Esse papel tem sido desempenhado pelos meus pais, Palmeron e Denilza, que me acolhem desde a concepção, que cuidam com amor e liberdade para que eu possa fazer descobertas; que têm investido incessantemente na minha atuação nesse mundo. A eles também sou grata por ter o primeiro modelo dos arquétipos da *anima* e *animus* e suas representações na prática. Nesse lugar também está minha tia Silvia, que compactua com minha mãe o arquétipo da Grande Mãe, que me tem como filha como a tenho como outra mãe; o meu padrinho Honorato que sempre escuta, acolhe e estende a mão; o José Artur e o João Emanuel, irmãos, primos e companheiros empáticos.

O Flávio, companheiro e amigo, que significou, ressignificou, contestou, criticou, refutou e confirmou junto comigo tantas, mas tantas ideias e experimentAÇÕES. E, além disso, que se dispôs a me acompanhar quando comecei a apreender o que é viver. E que experimentou junto comigo. Experimentou ideias, sensações e sentimentos junto comigo e me acompanhou durante os longos e intensos anos de minha graduação em Psicologia, que também é dele. Com ele experimentei um pouco mais a êxtase (não só em viver) da teoria Junguiana. Percebemos, conhecemos e exploramos essa vida simbólica. Indagamos sobre os nossos complexos sonhos e outras experiências de representações do inconsciente. E como diria na teoria da Gestalt, claro, pois o contato está em contato comigo e que estou com o mundo, “fechamos a Gestalt” do objeto do meu trabalho de conclusão de curso (e de tantos outros).

Os pais dele, dona Maristela e senhor Alex, que também me acompanharam nesse caminho de escada que é a graduação (e minha vida), que me acolheram com afeto e cuidado, abrigo, alimento e empatia em seu lar e suas vidas. O Vítor, grande e admirável amigo, por ser pessoa generosa e compreensiva, com quem discutimos tantas ideias, análises e opiniões, quem é suporte a quem carece, ajudou a mim também, obviamente, com a produção deste trabalho. A Millena que está comigo para explorar e compreender os movimentos da vida que fazemos; que ouviu minhas teses e antíteses, que me amparou na crise de finalizar uma graduação e a irritabilidade causada pela coleta de dados. A Geovanna, Lavínia e Amanda, que sempre me escutaram e aceitaram de forma positiva e incondicional, provando que estar em contato não quer dizer necessariamente estar em presença física. E a Jade, minha filha pastor alemã que me acalma das turbulências só em estar perto, me olhar e sentirmos nosso cheiro. Todos estes contribuem para que eu seja como sou, produzindo este TCC como é.

“Só o consciente é competente o bastante para determinar o significado das imagens e reconhecer o seu sentido para o homem, aqui e agora, na realidade concreta do seu presente. É apenas na interação do consciente com o inconsciente que este último pode provar o seu valor e, talvez mesmo, revelar uma maneira de vencer a melancolia do vazio” (JUNG, 1964, p. 347).

RESUMO

A negação de características femininas intrínsecas em sujeitos contemporâneos tem retratado um modo superficial de se relacionar. Sabendo disso, assume-se que há um modo instantâneo e imediato, bastante comum, da sociedade atual se comportar e relacionar, e que isso afeta as funções de ajustamento saudável entre homens e mulheres, e que ao sonhar, estão diante de uma forma clara de representação da negação desses aspectos inconscientes. Nesse sentido, por se tratar de um estudo que faz uso da bibliografia da Psicologia Analítica de Carl Jung, faz-se necessário discutir acerca das representações construídas (simbologias) e vivenciadas a partir da negação do aspecto inconsciente *anima* (energia feminina) em sujeitos contemporâneos, por meio de arquétipos identificados nos sonhos. A pesquisa possui finalidade básica, com uma abordagem qualitativa, método exploratório e procedimento bibliográfico. Os dados foram levantados a partir de Revisão Sistemática e tratados a partir do método dialético. Como resultados, foram catalogados e descartados centenas de artigos, uma vez que eles não correspondiam ao objeto de investigação, reservando-se apenas a aproximações breves (em alguns casos). Conclui-se que a Psicologia em geral e a Psicologia Analítica em particular, no cenário acadêmico brasileiro, ainda não se debruçou sobre o tema, o que requer que futuras pesquisas sejam conduzidas para entender este fenômeno.

Palavras-chave: Feminino. Negação. Contemporaneidade. *Anima* e *animus*. Sonhos.

ABSTRACT

The denial of intrinsic feminine characteristics in contemporary subjects has portrayed a superficial way of relating. As a consequence, it is possible to assume that there is an instant and immediate mode, quite common, today's society to behave and that it affects the healthy adjustment functions between men and women and that in dreaming, they face a clear way of denial's representation of these unconscious aspects. This way, because it is a study that makes use of Carl Jung's Analytical Psychology bibliography, it is necessary to discuss the formed representations (symbolologies) and experienced representations from the denial of the unconscious anima aspect (female energy) in contemporary subjects, through archetypes that are identified in dreams. The research has a basic purpose, with a qualitative approach, exploratory method, and bibliographic procedure. Data were surveyed from Systematic Review and analyzed based on the dialectical method. As an outcome, hundreds of articles were cataloged and discarded, since they did not correspond to the object of investigation, keeping just the brief approximations (in some cases). As a result, it is possible to state that Psychology in general and Analytical Psychology in particular, in the Brazilian academic scenario, have not yet addressed the subject, which requires future research to be conducted to understand this phenomenon.

Keywords: Feminine. Denial. Contemporaneity. Anima and animus. Dreams.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “A Obsolescência Programada em um consumo insustentável”	15
Figura 2 – O nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli.....	20
Figura 3 – Deusa Thêmis.....	21
Figura 4 – As duas faces de Janus.....	23
Figura 5 – Um casal voltado para os interesses externos à relação.....	24
Figura 6 – O lado masculino e o feminino em um só.....	27
Figura 7 – Eros e Psiquê.....	28
Figura 8 – A integração interna do "eu", o masculino e o feminino harmonizados.....	31
Figura 9 – O sonho e seus símbolos.....	33
Figura 10 – Símbolo: o componente masculino condensado à figura feminina.....	35
Figura 11 – O inconsciente potente representado na imensidão oceânica.....	37
Figura 12 – Valorização exacerbada da imagem aparente.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Palavras-chaves e suas interligações com os resultados correspondentes obtidos pela plataforma de busca BV Salud.....	50
Tabela 2 – Palavras-chaves e suas interligações com os resultados correspondentes obtidos pela plataforma de busca Scielo.....	50
Tabela 3 – Síntese dos resultados obtidos de forma geral pelas duas plataformas de busca.....	51
Tabela 4 – O termo <i>anima</i> cruzado com as demais palavras e as classificações dos artigos publicados com as respectivas quantidades correspondentes.....	52
Tabela 5 – O termo Psicologia cruzado com as demais palavras e as classificações dos artigos publicados com as respectivas quantidades.....	53
Tabela 6 – Palavras pesquisadas de forma individual e suas respectivas classificações.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
IJEP	Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa
TCC II	Trabalho de Conclusão de Curso (parte II)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	123
2.1 A Modernidade Líquida: um cenário de transformações.....	13
2.1.2 A sociedade e o feminino.....	19
2.2 A <i>anima</i> e o <i>animus</i> : os aspectos inconscientes do feminino e masculino nos sujeitos contemporâneos.....	26
2.3 Os sonhos pelo olhar da Psicologia Analítica de C. G. Jung.....	32
2.3.1 O elemento sombra.....	36
2.3.2 Aspectos do feminino negados nos sujeitos contemporâneos.....	38
3 METODOLOGIA.....	42
4 RESULTADOS	47
5 DISCUSSÃO.....	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

No decorrer do desenvolvimento das civilizações, é notável a adoção de comportamentos em comum com os quais se vivenciam experiências interpessoais em uma sociedade. Zygmunt Bauman (2001) publicou a obra “Modernidade Líquida”, e dedicou seus estudos ao delineamento de como a sociedade contemporânea se comporta e visualiza o contato com o meio externo.

Em função disso, Bauman inferiu que há uma observável liquidez, de modo que as relações tendem a se verificar na superficialidade e desvalorização do contato afetivo, o que é oposto às características da *anima* saudável (a imagem feminina inconsciente no homem, entretanto é presente originariamente em ambos os sexos). Em questão, segundo Siqueira (2013), esta relação líquida “emerge sobre um conjunto de instituições, regras, lutas e sistemas simbólicos, políticos e econômicos definidos em uma estrutura social particular” (s/p.).

Assim, é inegável que existem e como são grandiosos os impactos psicológicos desse modo líquido de viver nos indivíduos. Busca-se então retratar essa negação do afeto por meio de aspectos inconscientes, com base em uma revisão sistemática sobre a Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung (1982), que iniciou o conceito de *anima e animus*, figuras arquetípicas. O autor utiliza essencialmente em seus estudos os arquétipos, que se definem por uma impressão primária/primordial; o que carrega um significado permanente e tácito. Assim, Ulson (1988, p. 59) infere que “a *anima* é definida por Jung como sendo o arquétipo feminino no homem, enquanto o *animus* é o arquétipo do masculino na mulher. Nos sonhos, a *anima* vem personificada por mulheres e o *animus* por homens”.

E para discorrer a respeito do feminino, faz-se necessária a discussão da mitologia de deusas do amor e da beleza, símbolos aliados a feminilidade, e a consequente representatividade dessa figura para a sociedade, associando-se a simbologias e a conceitos interligados a essa figura, como exemplo a afetividade, o amor e o cuidado.

A negação dos aspectos femininos na sociedade contemporânea então se expressa baseada no modo superficial de se relacionar, sem aprofundamento e investimentos nas bases do amor e cuidado genuíno, pois visualiza a rapidez de se comportar e modos de prazeres prontos, que à medida que chegam, dissolvem-se com facilidade, resumindo-se à liquidez. Esses aspectos relacionais quando negados e reprimidos, são vivenciados intensamente (e por vezes de modo patológico), na esfera do inconsciente; seja através de uma forma não racional e analítica sobre si mesmo e o mundo, através de sonhos, da

negação consciente à elaboração de emoções e sentimentos, de métodos compensatórios, e dentre outros mecanismos de defesas.

Jung (1979), ao ser um dos pioneiros nos estudos dos sonhos, discorre sobre a relação dos complexos inconscientes com aspectos da personalidade, uma vez que nos sonhos se representam com expressões de afetos, ideias, crenças e estados de ânimo do sujeito. Quanto às simbologias, ele discorre que símbolos são realidades inconscientizáveis, e quando ocorre o contrário (a transição de conteúdos inconscientes para a consciência) trata-se de sinal, deixando de ser símbolo. Portanto, há de se declarar sobre simbologias que estão internalizadas nos sujeitos contemporâneos e são expressas de modo totalmente análogo a reflexões.

Este estudo teórico visou verificar como o modo de se comportar tem gerado impactos em homens e mulheres; e através de estudos publicados sobre interpretações de sonhos feitos por Jung (2008), e seus sucessores, como Marie Von-Franz, Durval Luiz de Faria e Laura Villares de Freitas, dentre outros, busca-se identificar as simbologias relacionadas a figuras femininas por meio, principalmente, da repressão de sua vivência intrínseca, uma vez que todo ser humano tem a potência (ULSON, 1988, p. 58) do desenvolvimento de características masculinas e femininas.

Destarte, questiona-se: “quais os efeitos da negação da *anima* nos sujeitos contemporâneos, analisados através da simbologia dos sonhos de C. G. Jung?”. Esta negação dos aspectos femininos pelos sujeitos tende a influenciar num modo líquido/superficial de se comportar, e como a repressão constitui o inconsciente e governa modos de experienciar o mundo e as relações, considera-se possível identificar esses aspectos negados por meio de símbolos presentes em sonhos de homens e mulheres na contemporaneidade.

Objetiva-se então verificar as representações construídas e vivenciadas a partir da negação do aspecto inconsciente *anima* em sujeitos contemporâneos, por meio da simbologia dos sonhos. O trajeto a essa finalidade é realizado com referência no conceito de Modernidade Líquida, discutindo sobre a simbologia feminina presente na sociedade e como esta vivencia tais aspectos, inferindo sobre símbolos e arquétipos. De forma que então é possível identificar e discutir o aspecto inconsciente *anima* através das simbologias representadas nos sonhos, após explanar sobre a estrutura dos sonhos de C. G. Jung, e, finalmente, descrever os aspectos feminino e masculino (*anima* e *animus*) e como estes governam as relações dos sujeitos com o mundo exterior, levantando possíveis consequências da negação do primeiro.

Os modos com que a sociedade se relaciona entre si são congruentes com as representações do inconsciente dos indivíduos (segundo abordagens psicológicas que consideram e estudam essa esfera da *psique*) e com as notáveis formas de evitação de contato, sejam por ideias ou comportamentos. Considera-se então de suma importância realizar a interação entre a Contemporaneidade e os modos de relações, e assim identificar nos sonhos (produtos do inconsciente) como esses sujeitos se percebem e estão significados a si mesmos.

O interesse pela pesquisa respalda-se no apreço desta autora sobre as significações dos sonhos e sua respectiva influência na aproximação do autoconhecimento, os símbolos presentes e representados na sociedade, e as formas de representações do inconsciente na vida dos sujeitos. Considera-se o estudo relevante para a compreensão do homem dentro da área de saber em que essa pesquisa se enquadra, uma vez que há também uma relevância acadêmica primordial, principalmente por esse estudo ser efetuado por revisão sistemática, sendo possível evidenciar se há e como estão sendo feitas as discussões pela academia. A pesquisa serve como elemento para o desenvolvimento de posteriores, visto que em pesquisa preliminar em bases de dados observou-se poucos trabalhos na área, o que pode configurar uma lacuna no que tange a investigações do gênero.

Por fim, considera-se a relevância social, uma vez que a Psicologia Analítica, portanto, se faz merecedora de grande atenção para a percepção dos fenômenos sob os aspectos da personalidade, comportamentos e as simbologias mais presentes e vivenciadas pela sociedade atual, levando assim essa pesquisa ao estudo pelo caminho psicológico, filosófico e antropológico do desenvolvimento da subjetividade e sociedade como um todo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Modernidade Líquida: um cenário de transformações

O conceito de liquidez presume o que é fora de forma, que está em estado de fácil fluxo e movimento, o que pode ir e vir a qualquer momento. Já o sólido indica resistência e estabilidade, não separação dos átomos que o constituem, mantendo dimensões espaciais claras. Contrariamente, os líquidos e

[...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro (BAUMAN 2001, p. 08).

Assim, Bauman (2001) inaugurou a terminologia de “modernidade líquida” ao se referir a uma sociedade que baseia suas relações na facilidade do contato breve, instável e passageiro; que não se aprofunda e tampouco investe no autoconhecimento e desenvolvimento afetivo-emocional. É um modo de sociedade baseada no consumo: de materiais e de relações sem equilíbrio cognitivo, afetivo e emocional (o que está representado na figura 1).

Figura 1 – "A Obsolescência Programada em um consumo insustentável"



Fonte: Evolução da Consciência (2014)

Como citado, no conceito de liquidez se leva mais em conta o tempo em contraposição ao espaço que se ocupa. A metáfora da sociedade líquida retrata a era da instantaneidade, onde o tempo e a vivência do espaço são breves e inexploráveis, e que

condiz com o modo de desejar e acelerar o tempo, a busca pelo imediato e a não experiência do espaço, que se trata do contato com o ambiente (pessoas, objetos, situações).

Bauman (2001), no primeiro capítulo de sua obra “Modernidade Líquida”, retrata que durante as três décadas posteriores a Segunda Guerra, época de prosperidade e desenvolvimento econômico, a sociedade mostrou-se sem o desejo pela liberdade. Isso veio a indicar o receio pelas consequências que a autonomia anuncia. Os indivíduos então buscaram se estabilizar num estado de acomodação, tendo em vista que anteriormente houve crises a nível mundial, que afetaram as instituições que aparentemente eram sólidas, e que também alteraram o funcionamento da sociedade e do modo de viver. Entretanto, após esse período, houve uma expansão da busca pela liberdade, visto que os indivíduos não estariam mais se identificando com a estruturas, modelos e conceitos pré-determinados.

A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos. Essa rigidez é o resultado de "soltar o freio": da desregulamentação, da liberalização, da "flexibilização" da "fluidez" crescente, do descontrole dos mercados financeiro, imobiliário e de trabalho, tornando mais leve o peso dos impostos etc. (BAUMAN, 2001, p. 12).

A liberdade requer responsabilização pelos próprios atos, e o que causa satisfação por eles é o que foi realizado com responsabilidade (BAUMAN, 2001). Porventura, negar a possibilidade de ser livre é negar a capacidade de encarar as consequências, de vivenciar as causalidades e assumir um papel de crítica. O homem contemporâneo está preso a si mesmo, ao que cria, por medo de entrar em contato e aprofundar-se, pelo medo das consequências da liberdade.

Observa-se, segundo Bauman (2001), que as instituições sociais estão por deixar o cuidado com as identidades às iniciativas dos indivíduos, indicando a trégua para a individualidade que subordina.

O que está errado com a sociedade em que vivemos [...] é que ela deixou de se questionar. É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesma e, portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar) a validade de suas suposições tácitas e declaradas. Isso não significa, entretanto, que nossa sociedade tenha suprimido (ou venha a suprimir) o pensamento crítico como tal. [...] Nossa sociedade - uma sociedade de "indivíduos livres" - fez da crítica da realidade, da insatisfação com "o que aí está" e da expressão dessa insatisfação uma parte inevitável e obrigatória dos afazeres da vida de cada um de seus membros (BAUMAN, 2001, p.32).

Essa sociedade é composta por indivíduos “reflexivos”, atentos a atitudes (as que são expressas de forma mais objetiva, sem a necessidade de um olhar contextual e empático) e sempre prontos a julgá-las, costumadamente insatisfeitos. Por assim dizer, essa reflexão é superficial e não enxerga linhas tênues entre seres subjetivos e nexos causais, considerando o ambiente, indivíduo, sentimentos e consequências dessa correlação.

“De alguma maneira, no entanto, essa reflexão não vai longe o suficiente para alcançar os complexos mecanismos que conectam nossos movimentos com seus resultados e os determinam, e menos ainda as condições que mantêm esses mecanismos em operação” (BAUMAN, 2001, p. 31).

Uma sociedade que deixou de se questionar conscientemente, mas que por hora, vem a se intitular como “reflexiva”, traz a realidade de uma “crítica” não literal, pois não questiona e nem anseia por respostas sólidas que explorem os fenômenos existenciais. Vive-se na perspectiva da crítica como aquilo que carrega denotação negativa, o que serve para destruir e ofender, julgar superficialmente, desviando-se da posição consciente do que é incômodo e como isso surge na sua relação com o outro. Desta forma, o meio virtual torna-se um espaço da liberdade de expressão e da prisão para as expressões reais (Bauman, 2001).

O ambiente virtual/midiático, proporciona a livre criação de imagens e definições acerca dos indivíduos que o fazem, sendo as redes sociais a principal plataforma para a espetacularização da imagem criada e da fantasia vivida em função da exibição ao outro. É uma representação mais próxima do que se pode chamar de pessoas que vivem em tempos líquidos, pois à medida que a imagem criada e publicada é exposta, a ela não é dado o investimento de empatia, compreensão subjetiva e contextual. E as “histórias” contadas através das redes não seriam diferentes no que diz respeito ao imediatismo. Vide os *stories* (traduzido como “histórias” para o português), que têm durabilidade de poucos segundos, e em exposição virtual por somente vinte e quatro horas após sua postagem (Bauman, 2001).

Partindo do modelo de uma sociedade que está exposta a uma infinita gama de possibilidades, Bauman (2001), fala sobre o “capitalismo pesado” do século passado, em que se incluía o modelo fordista: produção em larga escala e acumulação, volume e tamanho; fixação dos trabalhadores à produção e do capital. Ou seja, um modelo sólido de capitalismo, em cargos, funções, mão de obra e capital eram fixos.

Já na contemporaneidade, percebe-se um “capitalismo leve”, em que há a mobilidade no trabalho (Bauman, 2001), seja no seu espaço interno institucional ou até fora dele (como a função de *home office*, conhecida como “trabalhar em casa”, por exemplo), em outras localidades; nos materiais e métodos, e também de tarefas, em que há o investimento em qualificações profissionais, uma vez que com elas há o desenvolvimento de mais de uma função, além do aprendizado para atuação em áreas distintas, não focalizando sua mão de obra em uma tarefa específica da soma das partes do produto final, numa produção.

Esse modo de participar do capitalismo é uma evidência de que se chegou a um modo “livre” de se viver e estar no mundo, uma vez que em meio a inúmeras possibilidades, o indivíduo é quem decide o que e como fazer, e vê-se na condição de poder fazer escolhas. Entretanto espera que estas não lhe tragam consequências em que requeira enfrentamento e grande gasto de energia do sujeito para estabelecer o equilíbrio de enfrentar as consequências de suas decisões.

Nesse modelo de capitalismo obviamente também fluído, móvel e repleto de possibilidades, seguindo a lógica da individualidade em que se busca “constituir-se” e pertencer, confirmar uma identidade desconhecida – mas que se ampara no que se pode ter e fazer, como os insaciáveis prazeres – há o anseio por modelos/padrões. Esses modelos tendem a referenciar um modo desejado de estilo de vida, condição financeira, obtenção de bens e oportunidades, status social e até de relacionamentos afetivos.

Quando há a busca por padrões, anseia-se pela obtenção de bens, o que movimenta o capitalismo, uma vez que o “ter” exige comprar, e são diversas as possibilidades de obtenção de capital para adquirir o desejado. E uma sociedade que obtém prazer em adquirir, é submetida a necessidades criadas pelo próprio capitalismo, que são entendidas como tal e, portanto, faz-se concretizar a posse. Ou seja, a indústria insere no meio social a facilidade para o dia-a-dia, a resolução de problemas simples ao mais complexos. Facilita o acesso, a posse, a vontade de obter, o “ter” em detrimento do “ser” e a concomitante supervalorização da imagem.

Nessa gama de produtos, serviços e estilos de vida ofertados, a rotatividade e a substituição dão a tônica da vida. O que não seria diferente, pois à medida que os desejos e prazeres se atualizam, as ofertas também, os objetos e as relações também estão em movimento. É a velocidade da circulação e a substituição que provém o lucro, “não a durabilidade e confiabilidade do produto” (BAUMAN, 2001, p. 21). E quando não há durabilidade, há o poder da troca, em que um objeto é como um líquido; em função da

lógica do consumo atualizante (e do consumismo), referencia-se o conceito de obsolescência programada, como “a ação humana de planejar e determinar o que se tornará obsoleto e ultrapassado sem que a coisa tenha em essência deixado de ser (ou existir)” (FERREIRA; KNOERR e STELZER, 2015, p. 513).

O ato de comprar como uma necessidade instalada desenvolve e/ou aponta complexas patologias nos indivíduos, uma vez que a busca pelo preenchimento de algo que está vazio ou mal elaborado, em um objeto concreto, tende a criar um círculo em que não se visualiza o início nem o meio, pois a satisfação existe, entretanto não é duradoura e logo está suscetível à transferência para outro objeto. Assim, experienciar o ato de obter dinheiro e materiais, é uma não vivência do processo de início e meio dos prazeres e o que eles representam, em como essa relação se constitui; é não lidar com o que se tem, não desenvolver nem ser criativo para utilizar e experimentar (Bauman, 2001).

Na busca constante pela satisfação já está presente a insatisfação pelo “ter” o que não está mais sendo apreciado e o “não ter” o que parece ser melhor; há o sofrimento em não possuir as oportunidades e riquezas idealizadas e possuí-las de modo incompleto; a apreciação pelo que está distante, no outro e em outro lugar, e o olhar vazio para o “cá”. Vive-se na dualidade do querer e do poder, do ter e não ter, de estar em contato e não experienciar, de ouvir e não escutar (Bauman, 2001).

Há nesta contemporaneidade a crença de que fixar-se em lugares e compromissos vinculantes, é uma “não-potência”, visto que novas oportunidades e possibilidades de mutação estão emergindo a todo momento, incessantemente. O que indica claramente que a decisão por não fazer escolhas constitui-se também como uma escolha, configurando esse modo fluido de se relacionar. É a posição de querer viver “tudo” e não vivenciar “nada” em qualidade que constitui a liquidez e a posição “em cima do muro”, pronto para pular para o outro lado a qualquer momento, pois não está fixo em um ambiente.

Bauman (2001, p. 13-14) afirma que “manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo [...]”. Nota-se nesta sociedade relacionamentos cada vez menos duradouros, individualistas e instáveis; o tempo livre é tomado pelo ócio não-criativo e não-reflexivo, vive-se o após, à espera de que o relógio siga seu ritmo e por hora, acelere. Focalizando algo adiante que não se sabe o que é e nem se existirá, mas apenas por desejar vivenciar o além do aqui e do agora: as outras coisas, produtos, prazeres, contextos. “Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos” (VALÉRY *apud* BAUMAN, 2001, p. 07).

A modernidade líquida constitui-se basicamente de pessoas que se portam inacessíveis, que desenvolvem uma gama de resistência para a autopercepção e assim deixa improvável que o outro a perceba, a conheça. Em meio a uma não percepção de si, conseqüentemente não se percebe o outro. Respalda-se em atingir seus próprios objetivos, e pela crença da autorresponsabilidade, perde-se no individualismo (atitude egocêntrica de viver para si) pela crença de que cada um é responsável pela sua própria vida; caindo na falácia do “fazer solitário”, vê-se estando e agindo só, não contando com a colaboração do outro para a integração do “eu” e do “tu”, uma forma de responder à realidade, que, segundo Ancona-Lopez e Luczinski (2010), nesta

[...] atitude eu-tu, a pessoa entra em relação, deixa-se impactar, deixa-se atravessar pela presença viva do outro, seja este outro uma pessoa, uma situação, uma obra ou um ente qualquer. Há nesse instante uma dimensão intensiva, não mensurável ou redutível à temporalidade, espacialidade e questões objetivas. O mundo do tu não tem coerência no espaço e tempo: é um campo de forças, de presença, de vitalidade. Não pode ser apreendido ou aprisionado em representações: sempre escapa. Não se reduz à percepção: é intenso, vivo, pulsante. Sempre ressurgue diferentemente, em contínua transformação (ANCONA-LOPEZ; LUCZINSKI, 2010, p.78).

Quando os sujeitos contemporâneos negam conteúdos que emergem ao inconsciente, acabam por se relacionar sob a dominância dele. Jung (2000) mostra a causalidade do saber inconsciente no homem, inferindo que o inconsciente coletivo é “objetividade ampla com o mundo e aberta ao mundo. [...] Lá estou eu na mais direta ligação com o mundo, de forma que facilmente esqueço quem sou na realidade” (JUNG, 2000, p. 32).

Mal o inconsciente nos toca e já o somos, na medida em que nos tornamos inconscientes de nós mesmos. Este é o perigo originário que o homem primitivo conhece instintivamente, por estar ainda tão próximo deste pleroma, e que é objeto de seu pavor. Sua consciência ainda é insegura e se sustenta sobre pés vacilantes. Ele é ainda infantil, recém-saído das águas primordiais. Uma onda do inconsciente pode facilmente arrebatá-lo e ele se esquecer de quem era, fazendo coisas nas quais não se reconhece. Por isso, os primitivos temem os afetos (emoções) descontrolados, pois neles a consciência submerge com facilidade [...]. Todo o esforço da humanidade concentrou-se por isso na consolidação da consciência (JUNG, 2000, p. 32).

Nesse sentido, assume-se o poder que o inconsciente tem em mover o ser humano, mesmo que este o tema. A consolidação deste aspecto da psique é sutil e ocorre o tempo todo, ainda que se queira evitar, pois assim evita-se o contato com algo, que logo em seguida será encaminhado a esta inconsciência. Desta forma, neste trabalho é importante

discutir o que há de aspectos femininos no inconsciente coletivo da sociedade, e por conseguinte os arquétipos que a isso está envolvido.

2.1.2 A sociedade e o feminino

Para introduzir e entender como o conceito do feminino está presente na sociedade e no ser humano em seu modo inconsciente de existir e se relacionar, faz-se uma associação ao mito da *Psiquê* e Afrodite. Por ser um mito aquilo que carrega uma imagem coletiva, o que é verdadeiro e igual para todos, universalmente, introduz-se primariamente a simbologia de *Psiquê*, que posteriormente será trazida à luz da teoria de C. G. Jung como a *anima*, que “significa alma e designa algo de extremamente maravilhoso e notável” (JUNG, 2000, p. 36). O autor segue explicando que nem sempre foi assim, como algo tão esplêndido:

Não podemos esquecer que este tipo de alma é uma representação dogmática, cujo objetivo é exorcizar e capturar algo de inquietantemente autônomo e vivo. A palavra alemã Seele (alma) é muito próximo da palavra grega αἴολος [...] que significa "movente", "iridescente", portanto, algo semelhante a uma borboleta - em grego ψυχή - que, inebriada, passa de flor em flor e vive de mel e amor. Na tipologia gnóstica [...] o homem psíquico [...] fica hierarquicamente abaixo do [...] espiritual [...], e finalmente também existem as almas más, que têm de queimar no inferno por toda a eternidade. Até a alma totalmente inocente de um recém-nascido não batizado é privada pelo menos da contemplação de Deus. Entre os primitivos ela é um sopro mágico de vida (daí o termo "*anima*") ou chama. Uma palavra não canônica do Senhor diz acertadamente: 'Quem está perto de mim está perto do fogo' (JUNG, 2000, p. 36).

A história começa a partir de um reino, em que nele nasce a mortal filha mais nova de um rei, que se chamara *Psiquê* – “que significa Alma, é a personificação do mundo interior. É ela quem nos levará a uma jornada pelo reino interior” (JOHNSON, 1996, p. 10). Este mundo interior é então retratado pelo inconsciente. Após seu nascimento, dizia-se que havia nascido a nova Afrodite (imortal deusa do amor e da beleza inigualável, como está ilustrado na figura 2) a qual “havia sido a divindade reinante da feminilidade desde os primórdios, sem que ninguém jamais pudesse definir a época exata do início de seu reinado” (JOHNSON, 1996, p. 10). Este, assim, é o mais primitivo e antigo nível de feminilidade. A origem de ambos os mitos femininos traz a lógica da união entre corpo e mente, o caminho do meio entre estes, o que se pode definir pela alma.

Figura 2 – O nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli



Fonte: Martins (2017)

Brandindo uma pequena foice, Cronos, o filho caçula de Urano - o deus dos céus -, cortou os genitais de seu pai e arremessou-os ao mar, assim fertilizando as águas e permitindo o nascimento de Afrodite. Esse momento foi imortalizado por Botticelli, na sua magnífica obra *O Nascimento de Vênus*: na plena majestade de sua feminilidade, Afrodite aparece em pé em uma concha, emergindo das ondas (JOHNSON, 1996, p. 11).

De modo interpretativo, a representação do nascimento de Afrodite através do mar, unida a imagem fálica do homem, faz-se remeter ao fato de que, segundo Johnson (1996), “em termos psicológicos, ela reina no inconsciente, simbolizado pelas águas do mar”. E a *Psiquê* é concebida na união dos céus e da terra; de forma simbólica, é a mente e o corpo – respectivamente representado pelo céu e terra. Johnson (1996) então referencia essa união: “quando uma gota de orvalho do céu caiu sobre a terra”.

Ainda segundo Johnson (1996), toda mulher carrega em si uma Afrodite, indicada pela beleza, graça, vaidade, intensidade, fertilidade e amorosidade. E é difícil de alcançar a feminilidade primitiva de Afrodite.

Pode-se admirá-la, adorá-la, ou ser esmagado por sua feminilidade arquetípica, pois é muito difícil relacionar-se com ela. E esta será a tarefa de *Psiquê*, dada a vantagem que leva por ser humana: integrar e suavizar essa feminilidade oceânica arquetípica. Eis aí o propósito de nosso mito (JOHNSON, 1996, p. 11).

Em suma, a *Psiquê* vem como a alma, com a função de integrar a feminilidade ao ser humano, abraçando o corpo e a mente, personificando os símbolos em imagens físicas e inconscientes. Quando *Psiquê* nasce pela gota de orvalho, traz a mais nova forma de expressão do feminino, que sai da esfera oceânica de Afrodite e passa para a Terra, para a

aproximação à forma humana. Ou seja, ela traz a racionalidade, é a consciência; do contrário de Afrodite, que é representada pelo inconsciente, de natureza difícil e inacessível; é desejada e temida pelos homens. A primeira traz a imagem de uma mulher bela e doce, que caiu dos céus, divinal; a ponto de ser venerada, não cortejada, assim encontrando-se solitária.

Por assim dizer, de modo que está presente nos indivíduos tanto o feminino vaidoso, temido e inacessível quanto o sutil e divinal, essas expressões estão presentes nas esferas do consciente e inconsciente de cada um dos indivíduos. É presente a dualidade da mulher furiosa, que luta pelo que é seu (como Afrodite, para defender seu filho Eros de *Psiquê*) com a bela e inatingível; os aspectos da força e da fragilidade.

Pela configuração de um mito numa sociedade, há então um significado universal que ele carrega, que perpassa diferentes gerações e culturas, e que se mantém ao longo do desenvolvimento das relações humanas, no íntimo e interpessoal. É inegável, portanto, que a mulher sempre carregou em si definições de amor, beleza e vida. Bem como a própria Terra/natureza é um substantivo feminino, que origina a existência em um ciclo incessante entre o nascer e morrer, assim, à medida que se enfrenta uma revolução, ela é capaz de se reconstruir e prover o movimento novamente. No feminino está a imagem da resolução e justiça (personificada pela deusa Thêmis, figura 3); da beleza, proveniência de vida e fertilidade.

Figura 3 – Deusa Thêmis



Fonte: Mauad (2015)

Partindo de um ponto de vista social e antropológico, desde o surgimento das primeiras civilizações, é atribuído a mulher o desempenho do papel de cuidar, de dedicar-

se afetivamente, e em sua maioria ao lar, ao marido e aos filhos. Nos povos mais antigos, enquanto o homem saía em busca do alimento, utilizando-se de sua força física, ela cuidava dos afazeres domésticos e da educação dos filhos, já que seu contato com ambos era bem maior que o do marido.

Nos primórdios da humanidade a partir do surgimento das relações familiares entre homem e mulher, as mulheres já nasciam e eram educadas com o perfil ideal, traçado sempre com a ideia de satisfazer os homens. As mulheres deveriam ser mais educadas que instruídas, daí uma estrutura de ensino calcada na virtude e no sentimento, geradora da imagem ideal da esposa e mãe. Não protagonizava uma instrução, além da considerada necessária para atingir tais objetivos: casar e procriar. As aulas ensinavam as mulheres de como melhor desenvolver as tarefas domésticas (OST, 2009, s/p.).

Com a Revolução Industrial, momento histórico em que houve uma grande escalada no desenvolvimento tecnológico e surgimento de máquinas no ambiente laboral, segundo Ost (2009, s/p.), “boa parte da mão de obra feminina foi transferida para dentro das fábricas. Nessa época, o trabalho da mulher foi muito utilizado, principalmente na operação das máquinas”. Este contexto então informa sobre uma ampliação na atuação dos papéis femininos até então prevalentes no meio familiar, para o meio externo, nas relações de trabalho.

Essa ampliação dos papéis femininos então emergiu ao contexto social fora do lar, em que as mulheres assumem cargos de participação ativa e importantes funções, seja no ambiente de trabalho ou no contexto geral de experienciar as relações, por um estilo interpessoal de enfretamento e posse de responsabilidades que competem a família e a grupos externos. Esse estilo interpessoal de se portar em atividade e proeminente participação, diz respeito a modos de comportamento presentes em diversas mulheres na contemporaneidade, que assumem desafios e enfrentamentos com aparente coragem e braveza – o que mais adiante será discorrido por meio dos aspectos masculinos e femininos nos indivíduos (*anima e animus*).

A ideia de virilidade perpassa todas as esferas sociais. Na família, por exemplo, as desigualdades de gênero são muito acentuadas, uma vez que a família patriarcal brasileira já foi caracterizada da seguinte forma: Pai taciturno, mulher submissa e filho aterrorizado. Mesmo que tal descrição seja um tanto anacrônica e não corresponda mais à família nuclear urbana, ainda existem marcantes diferenças entre os cônjuges. Os homens tendem a assumir o papel de provedor e mantêm uma relação de fora para dentro com os filhos. Os pais tendem a gerar admiração e temor (são duros e amargos), e as mães, carinho e afeto (são doces), existindo uma clara segregação nos papéis de cada sexo: pai é pai e mãe é mãe (ALVES, 2004, p. 21).

Mesmo com a migração da mulher para o mercado de trabalho, à figura feminina ainda permanece a vinculação da atenção e cuidados da família (já que ela carrega em si os aspectos de Afrodite e *Psiquê*, que provém amor, o que emerge na relação com o outro). Um adendo para a realidade atual: ainda que se trate da atuação em uma “Modernidade Líquida” onde pouco se atém aos aspectos íntimos e afetivos, nota-se em grande parte delas a escolha pela dedicação integral e exclusiva ao trabalho, e muito embora nesse meio há quem não opta pela maternidade, há ainda assim o interesse afetivo em dedicar-se a sua família já existente (ou a outros do vínculo relacional). O que não restringe o cuidado com a família somente ao aspecto maternal. A presente modernidade realiza tanto a mulher-materna como a mulher-laboral.

Antes do declínio do prestígio feminino, supõe-se que homens e mulheres tiveram relações relativamente equilibradas. Com a descoberta da necessidade da união com o homem para a fecundação, surge, entre os deuses, a noção do casal heterossexual (MENESES, 2003, s/p.).

Tanto o homem quanto a mulher carregam simbologias arquetípicas (significados) em que se atribuem padrões e comportamentos esperados. No presente trabalho, então, cita-se em alguns momentos a relação heterossexual, por simples questões metodológicas, entretanto, as representações simbólicas podem operar sob qualquer modelo de união afetiva. Johnson (1996), baseado nas imagens acomodadas ao homem e à mulher, faz uma admissível representação sobre os papéis da mulher e do homem na sociedade, exemplificando em uma relação heterossexual entre marido e esposa, sob o conceito do “deus da paz” Janus (Roma Antiga), que tinha duas faces, viradas em direções opostas (como ilustrado na figura 4):

Figura 4 - As duas faces de Janus



Fonte: Nascimento (s/a.)

Pode-se ver um casamento como duas pessoas que estão costas com costas, cada uma protegendo a outra de uma forma particular. Ele voltado para o mundo exterior e ela, para o interior, um nível onde se sente mais à vontade. Essa situação não é estática, pois cada um deles caminha para a plenitude, que é a personalidade integral representada pelas duas faces de Janus que olham, ao mesmo tempo, para o mundo interior e para o exterior. A tarefa da mulher é, além de proteger-se, proteger seu homem e sua família dos perigos do mundo interior: humores, inflação do ego, excessos, vulnerabilidade e o que se costumava chamar "possessões". São coisas que o gênio da mulher sabe manejar bem melhor que o do homem. A ele também cabe sua própria tarefa, ou seja, virado para o mundo exterior, manter a salvo sua família (JOHNSON, 1996, p. 39).

O autor continua o pensamento sobre a função de cada um do casal, frisando que, atualmente, há um perigo: em que ambos, tanto o homem quanto a mulher, estejam virados para o mundo exterior, dedicando-se exclusivamente às coisas externas (JOHNSON, 1996). Essas “coisas externas” neste trabalho estão aliadas aos modos líquidos de relações, aos diversos interesses, conforme ilustra a figura 5.

Figura 5 – Um casal voltado para os interesses externos à relação



Fonte: Lourenzato (s/a.)

O que pode incluir prazeres externos ao que se dispõe desenvolver na relação afetiva já estabelecida, investimento demasiado na vivência com os outros, grande procura e identificação maior com o que proporciona satisfação ao ego; dentre o que mais pode provocar o afastamento da presentificação no contato, além de não colaborar com a exploração das individualidades e co-construção da empatia e compreensão entre o casal.

A discussão do conceito do feminino desde os primórdios e a atuação dele na sociedade, uma vez que nela está inclusa a imposição de posições machistas sob as

mulheres, indica a importância de se estudar e compreender o que abrange o “ser mulher”, e também discutir o conceito de feminilidade, o que em teoria popular é visto com rejeição, uma vez que a masculinidade, o manifesto claro da força e braveza, é a posição mais aceita, mesmo que haja o distanciamento emocional e exposição a comportamentos de risco. Segundo Farias (2004, p. 23), “o distanciamento emocional é considerado necessário para um adequado funcionamento sexual, assim como a atitude de arriscar-se é considerada uma peça central da sexualidade masculina”.

De modo histórico-social, há um caminho de conflitos de interesse e demonstração de força física (guerras/revoluções, confrontos) percorrido pela sociedade; o que representa um padrão de enfrentamento e de atuação dos indivíduos quando em contato com questões interpessoais. Nesse sentido, desenvolveu-se formas de percepção fortemente voltadas a imagem, ao visual, o que indica na atualidade uma supervalorização da beleza e da força, que quando associados a mulher, remetendo-se a deusa *Psiquê*, em análogo ao belo e inatingível, demonstra a superficialidade de uma natureza não explorável e da alma não prevalente de modo consciente, uma vez que a “alma-*Psiquê*” não fora cortejada, permanecendo distante, num ideal (vide contexto da mitologia de *Psiquê*).

Assim, essa superficialidade de uma modernidade líquida demonstra o desejo pela imagem de força e luta espetacularizada, da vaidade na exibição; que prevalece atualmente tanto em homens quanto em mulheres. Características oriundas do feminino aliado ao amor tendem a ser subtraídas pelo imediatismo do relacionar-se e resolver-se, sem aprofundamento consciente de suas representações inconscientes. O autoconhecimento é um processo essencial para o vislumbre da potência do caráter feminino, que reconhece a sensibilidade em perceber e explorar os fenômenos, dando espaço ao crescimento e expressão da singularidade e do amor; bem como para o equilíbrio com a natureza de Afrodite que demonstra atitude de poder e vigor quando necessário.

Muitos dos conflitos de uma mulher moderna resumem-se na colisão entre suas duas naturezas intrínsecas - Afrodite e *Psiquê*. Isso ajuda-a a adquirir uma estrutura para entender o processo; se ela for capaz de vislumbrar o que lhe está ocorrendo, estará a caminho de uma nova consciência. Reconhecer Afrodite pode ser-lhe de grande valia. Quando o homem reconhece Afrodite na mulher e sabe o que deve ou não fazer, ele estará numa posição privilegiada (JOHNSON, 1996, p. 14).

Em síntese, ter consciência dos significados atribuídos a ambos os sexos, partindo do pressuposto de que carregam símbolos culturais e históricos, permite a visão crítica

com a qual se pode analisar os papéis rígidos exercidos e as funções negadas nas formas de convivência com o mundo, bem como os padrões de expectativas em que cada um “deve” (por exigência social) se encaixar e corresponder.

Nesse sentido, faz-se necessário discorrer sobre os aspectos inconscientes do ser humano, que não é exato como uma fórmula matemática, mas complexo como inúmeras partes de um todo que é a existência em si, e cada sistema intersubjetivo em particular. Em outras palavras, um ser não é uma só face (como Janus, que não vê só um lado) é um pouco de cada conceito do mundo. Portanto, o homem não é restrito somente aos aspectos masculinos, ele também possui a potência de equilibrá-los com as características femininas, e vice-versa.

2.2 A ANIMA E O ANIMUS: OS ASPECTOS INCONSCIENTES DO FEMININO E MASCULINO NOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS

Por ser a feminilidade a principal característica psicológica da mulher, é mais fácil associar uma a outra. Entretanto, o aspecto feminino interior também é presente no homem, assim como aspectos masculinos encontram-se sem ambos os sexos, uma vez que cada um tem a potencialidade de desenvolvê-los. C. G. Jung (1933-1955) utiliza-se dos arquétipos para discorrer sobre imagens presentes na sociedade e no inconsciente (individual e coletivo).

Ao abordar o conceito de arquétipo, é importante esclarecer o mal-entendido, que porventura surge ao ser discutido esse assunto. O conceito de arquétipo se difere de ideias inatas, como Jung insistia ao inferir ao fato de que o ser humano herda predisposições, não ideias previamente estruturadas. “Esses padrões a que se refere nada têm a ver com a ideia lamarckiana de transferência de conhecimentos e qualidades adquiridos aos descendentes, mas sim à incorporação de maneiras de agir de uma espécie ao longo de milênios” (ULSON, 1988, p. 35). Cada ser humano nasce com imagens arquetípicas que moldam um padrão de se comportar.

Os anciãos reuniam-se com os mais jovens para lhes contar histórias, orientar por meio de contos o que não devem fazer, um modelo de agir ética e moralmente. Essa tendência carrega em si uma imagem arquetípica que é a do “velho sábio”, que já conhece o caminho e então orienta seus sucessores apresentando-lhes figuras modelos como heróis, pessoas com uma grande representação simbólica do bom e correto, santos, cavalheiros etc. Isso é um arquétipo de comportamento, uma força presente na sociedade

em seguir verdades, sejam elas universais ou subjetivas, mas sempre acompanhada de modelos previamente existentes.

O ato de apaixonar-se é em si um arquétipo, pois determina um modelo de busca no outro daquilo que crê, consciente ou inconscientemente, como ideal. É um modelo de desejo, de afeto e união. O homem tem uma imagem da mulher e anseia apaixonar-se por ela, partindo da busca inconsciente no outro o que delineia características femininas que habitam em si. E da mesma forma a mulher.

Com base na tríade concebida do ser, desde a Antiguidade, como: corpo, alma e espírito, sendo que a alma era vista como o feminino, e o espírito como o masculino (*anima* e *animus*, respectivamente), “tanto o homem quanto a mulher trariam, desde a concepção, essas duas partes, além do corpo físico” (ULSON, 1988, p.58). Todavia, conforme ambos vão se desenvolvendo, há certamente a tendência, partindo do modelo heterossexual, de “o ego da mulher se identificar com a *anima*, reprimindo ou deixando de desenvolver o *animus*, enquanto o ego do homem tenderia a se identificar com o *animus*, reprimindo sua *anima*” (ULSON, 1988, p.58). Destarte, o homem e a mulher estão contidos em uma só representação/ser, conforme figura 5.

Figura 6 – O lado masculino e o feminino em um só



Fonte: Signorelli (2014)

Com o arquétipo da *anima* entramos no reino dos deuses, ou seja, na área que a metafísica reservou para si. Tudo o que é tocado pela *anima* torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico. Ela é a serpente no paraíso do ser humano inofensivo, cheio de bons propósitos e intenções. Ela convence com suas razões a não lidar-se com o inconsciente, pois isso destruiria inibições morais e desencadearia forças que seria melhor permanecerem inconscientes. Como quase sempre, ela não está totalmente errada; pois a vida não é somente o lado bom, é também o lado mau. Porque a *anima* quer vida, ela quer o bom e

o mau. No reino da vida dos elfos, tais categorias não existem (JUNG, 2000, p. 37).

Assim como, biologicamente falando, o corpo contém genes masculinos e femininos, a esfera psíquica é da mesma forma, contendo aspectos femininos e masculinos, definidos arquetipicamente como *anima* e *animus*; bem como comportamentos de ambos os lados (ULSON, 1988). A figura 6 representa essa união do masculino ao feminino em um só organismo.

Muitos psicólogos interpretaram Eros e *Psiquê* como sendo uma demonstração da personalidade feminina. Talvez mais sábio fosse, desde o início do estudo, dizer que estamos falando da feminilidade onde quer que ela se encontre: seja no homem, seja na mulher. Jung, em um de seus mais profundos insights, mostrou que, como geneticamente todos os homens têm cromossomos e hormônios recessivos femininos, eles apresentam um conjunto de características psicológicas femininas - elementos que neles são minoritários. Da mesma forma, as mulheres têm um componente masculino minoritário em seu interior. Jung chamou de *anima* a faceta feminina do homem e de *animus*, a masculina da mulher (JOHNSON, 1996, p.09).

Ambos os aspectos estão presentes, como Eros e *Psiquê* (o amor e a alma) representados na figura 7, e tendem a ser projetados de forma inconsciente. “Como complexos autônomos, a *anima* e o *animus* não devem ocupar o lugar do ego, e quando temos essa experiência, encontramos o indivíduo *fora de si*: o homem fica tomado por suas emoções e maus humores, a mulher torna-se impulsiva, dominadora, insensível” (ULSON, 1988. p. 59). Nota-se que a função eficiente destes dois aspectos é mediar a parte inconsciente e a consciente da personalidade (JUNG *apud* JOHNSON, 1996).

Figura 7 – Eros e Psiquê



Fonte: Pimenta (2013)

A *anima* e o *animus* se apresentam no seu duplo aspecto: a primeira pode ser vivenciada tanto como fonte de vida, aquilo que anima e dá

sentido à existência do homem, como de ilusões, envolvendo-o num mundo de fantasias que pode levá-lo à loucura. O segundo, que representa o lado fálico da mulher, pode levá-la tanto a uma virilização excessiva, havendo uma perda de contato com sua natureza feminina, como se, adequadamente desenvolvido, tornar-se seu *logos* discriminador, o espírito (ULSON, 1988, p. 60).

Johnson (1996, p. 25) infere que “coisas horríveis acontecem aos homens quando privados da presença feminina - dentro ou fora -, pois parece que é essa presença que lembra a ele o que tem de melhor”. Também afirma que a maioria dos homens atribui a si o autovalor através da presença de uma mulher, que é geralmente a esposa ou mãe, e que “à medida que o homem descobre sua própria feminilidade interior passará a não depender tanto da mulher exterior para obtê-la”.

Cada ser humano passa pela quebra simbiótica entre si e o ventre da mãe, e que este ser, até por poucos meses de vida entende-se a si e a ela como um só. Essa separação entre os dois é um dos determinantes do processo de consciência de si como um só, quando a criança passa a se relacionar com o mundo e separar o “eu” do “outro” e entender que ela e a mãe são dois corpos diferentes, passíveis de vontades e realizações. E isso perpassa até a velhice, pois o relacionar-se exige a diferenciação, o reconhecimento do “eu” para assim perceber-se o outro. Entretanto, nem sempre isso ocorre.

Sobre a consciência sobre o “eu” e o outro separados, Jung conceitua como processo de individuação, onde está a complexidade do reconhecimento do Eu e do autoconhecimento.

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entenderemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois, traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si mesmo’ (Verselbstung) ou ‘o realizar-se do si mesmo’ [...] (JUNG, 1978, p. 49).

O equilíbrio das energias (masculina e feminina) é o caminho para a completude no processo de individuação, o (re)conhecimento autorreflexivo do outro no ser individual, e do “eu” no outro; pois na diferenciação se reconhece ambas as energias e proporciona uma atuação saudável de tais. E a projeção dessas energias carrega inevitavelmente, pela linha da Psicologia Analítica, uma gama de arquétipos.

A *anima*, como energia feminina, é considerada “sinônimo de perfeição”, abraça os arquétipos da imagem da mulher, por saberes mitológicos, por exemplo. Nela se representam deusas interiores do amor, da beleza e vaidade, da fertilidade e da própria

alma em si, feminina. É também nela que se encontra o arquétipo de Eros e *Psiquê*, a relação do amor e da alma como um só. Uma *anima* desajustada, no entanto, representa a função devoradora e insensível, que consome a si próprio e a função ordenadora do *animus*.

O homem (seguindo uma relação heterossexual) tende a projetar sua *anima* na mulher, quando a vê como ideal e perfeita para si, num estado de paixão, por exemplo; e quando há a presença de conflitos por não identificação de características externalizadas pela parceira, indica-se ainda a frustração pela busca por arquétipos a ela não atribuídos; e essa busca no outro retrata a negação desses aspectos em si mesmo. Porém, na busca e conseguinte identificação com ela, a percepção sobre a mulher real como diferente da mulher modelo-ideal é dificilmente adquirida.

Deste modo, uma vez que o homem nega sua *anima*, é feita a projeção aliada a figura perfeita de “mulher”, originada na relação simbiótica com a mãe que provém a vida, alimento, proteção, e o cuidado – isso, claro, se levar-se em conta o modelo de maternagem saudável, a mãe suficientemente boa de que falou Winnicott (1982). Assim, ao externalizar esses arquétipos materno-femininos, crê-se de modo inconsciente, no encontro com a mulher-afeto externa, a que ele busca para se relacionar.

Da mesma forma ocorre com a mulher (seguindo o modelo heterossexual), que negando seu *animus* busca no homem a proteção, determinação e atividade, a coragem. E na mulher homossexual a vivência dos aspectos masculinos normalmente é para dentro, em que estes são identificados e vividos por ela com mais intensidade, em algumas até sobrepondo o feminino da *anima* originária em sua personalidade.

A mulher, baseada de forma inconsciente nos arquétipos de pai, tendo se desenvolvido na presença ou ausência dele, tende a esperar o herói e grande cavalheiro (e não necessariamente em um homem, como no modelo homossexual de relação, mas esse aspecto masculino presente em uma figura feminina, por exemplo), sem perceber que há em si a energia que a potencializa a alcançar essas formas de agir e personificar-se. A mulher já tem em si seu herói, que busca pelo poder, pela resolução, coragem, sem esperar que o outro seja. Nela há a *anima* que é sua própria feminilidade, do afeto original, assim como o *animus*, a energia do ir e fazer, ação e luta.

Para que então se diminuam as projeções de busca no outro por aquilo que se tem a potência de desenvolver internamente, cabe a cada indivíduo relacionar-se com o homem e a mulher que há originariamente em si, de forma com que haja o equilíbrio entre estes dois em seu interior, para que só assim cesse a busca irrefreada de uma figura

no ambiente externo que corresponda a um ideal autodeterminado e, muitas vezes, narcísico. A harmonia entre o feminino e masculino interior é representada na figura 8.

É frequente a mulher viver algumas etapas de sua vida sob o jugo do homem em sua vida exterior; mas tem de estar sempre alerta para evitar submeter-se ao homem interior, ou seja, o *animus*. A crônica da vida de uma mulher pode ser descrita em sua luta para evoluir em relação ao princípio masculino de vida, seja encontrando-o fora de si mesma, na figura de um homem, ou dentro de si, através do *animus*. O mesmo pluralismo existe na vida do homem, quando ele tenta conseguir um relacionamento inteligente com o princípio feminino de vida, quer o encontre numa mulher, quer na heroica batalha com sua mulher interior, sua *anima*. Dentro ou fora, esse é o grande drama da vida (JOHNSON, 1996, p.23).

Figura 8 – A integração interna do "eu", o masculino e o feminino harmonizados



Fonte: Tavares (2013)

O homem aliado à sua *anima* ajustada tem a potencialidade de ser gentil, sentimental, amoroso e afetivo, sem projetar no outro a expectativa desse modo de se relacionar. Quanto mais ele vivencia essa energia feminina, mais completo ele será, sem buscar no outro aquilo que está em si, sem negar o que é inerente biológica e psiquicamente a sua existência. Infere-se então ao homem completo, dada a responsabilidade do seu desenvolvimento (masculino e feminino).

Portanto, no sentido de homens e mulheres modernos agirem com negação sobre esses aspectos inconscientes, tal mecanismo de defesa se manifesta de diferentes formas, e o sonho é uma delas, uma vez que eles representam um estado plenamente inconsciente do sonhador. Freud (2014, p. 08) destaca que “é preciso lembrar que todas as

representações provêm de percepções, são repetições desta. Assim sendo, originariamente a existência da representação já é uma garantia de realidade do representado”.

Safatle (2014, p. 15) explica que “ao negar algo que, no fundo, é o nome de seu próprio desejo, o sujeito estaria, na verdade, tentando inscrever simbolicamente aquilo que ele só pode reconhecer ao separar a aceitação intelectual da aceitação afetiva”. Nesse sentido ele exemplifica com um caso clínico de Freud (2014) em que o paciente se utiliza da negação de forma consciente, segundo o autor, afirmando que: “essa mulher que aparece em meu sonho não é minha mãe”, e continua Safatle (2014, p.15) explicando que isso

S

eria uma maneira não apenas de negar, mas também de aceitar, pois estabeleço uma relação de oposição entre ‘essa mulher’ e ‘minha mãe’ que permite ao segundo termo aparecer à consciência, mesmo que cortado de sua aceitação afetiva. Daí por que Freud afirmaria: Por meio do símbolo da negação, o pensamento se delibera das limitações do recalque e se enriquece de conteúdos os quais ele não pode recusar para suas atividades (SATAFLE, 2014, p. 15)

Delineando negação como uma defesa do ego de perigos que ameacem sua integridade, abrem-se uns parênteses para indicar que é o ego quem realiza o controle racional das condutas, é como um ordenador, que equilibra os desejos e exigências pulsionais do id e do superego (que contém pressupostos normativos), sendo responsável pelos processos adaptativos físico e social do indivíduo (AGUIAR; BARATTO, 2007). Assim, em se tratando da negação pelo ego e da representação simbólica em sonhos, faz-se necessário utilizar-se de elementos da literatura Analítica para explicitar as manifestações inconscientes dos aspectos da *anima* em sonhos de sujeitos contemporâneos.

2.3 OS SONHOS PELO OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE C. G. JUNG

Os sonhos são passíveis de diferentes formas de interpretação que perpassam a Religião, Filosofia, Psicologia, Misticismo e Comportamentalismo, ou até mesmo servem como objeto de superstições e crenças. Entre diversos meios interpretativos há especulações e, também, os estudos mais aprofundados com comprovações empíricas.

Eles são espontâneos, não lineares e imprevisíveis. São conteúdos do inconsciente e, portanto, imensuráveis e subjetivos à experiência de cada um, cabendo-lhes análises integrais com detalhamento dos fenômenos existenciais, um conhecimento de situações conscientes, para que assim então sejam possíveis interpretações pertinentes. O sonho é a expressão imediata do inconsciente. Jung desenvolveu uma maneira peculiar de abordar

os sonhos, na qual cada personagem, ou mesmo o cenário, representa partes do mundo psíquico do sonhador” (ULSON, 1988, p. 26). Ainda sobre isso, vale ressaltar que

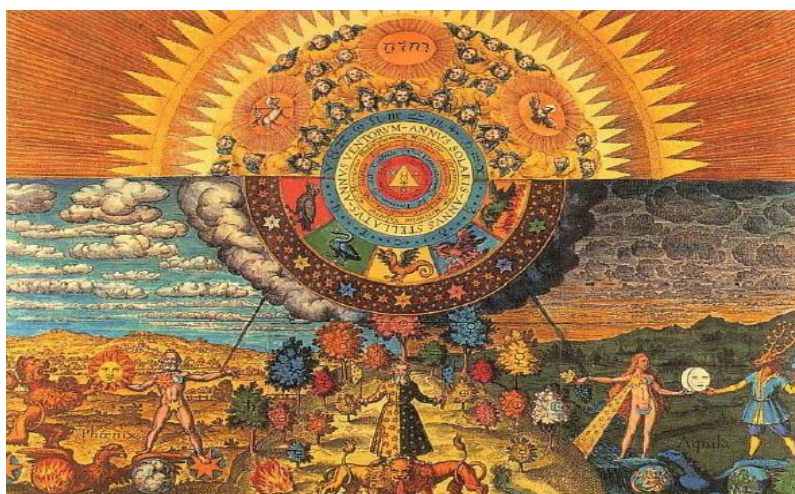
Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intervenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. [...] podemos esperar que os sonhos nos forneçam certos indícios sobre a causalidade objetiva e sobre as tendências objetivas, pois são verdadeiros autorretratos do processo psíquico em curso (JUNG, 1971, p. 07).

Marie Von-Franz (1988), importante continuadora do trabalho de Jung, indaga:

Quem engendra os sonhos? Muita gente ainda tem o preconceito ingênuo de que os sonhos expressam nossos próprios desejos, ou nossos esquemas e tramas. No entanto, quanto mais se observa os sonhos, mais se percebe que isso não pode ser verdade. Uma parcela enorme dos nossos sonhos diz coisas que não queremos ouvir (VON-FRANZ, 1988, p. 10).

Como todo conteúdo armazenado no inconsciente, os sonhos também se revelam subliminarmente, como em formas simbólicas que retratam situações que não podem ser explicadas ou compreendidas com clareza, pois possui uma complexidade de significados, como um símbolo propriamente dito, que permeia sob figuras arquetípicas, estas, que se distanciam claramente de uma objetividade mensurável. Por se saber que um sonho contém diversas simbologias, metáforas e arquétipos, a figura 9 visa simular essa complexidade de conteúdos em imagens e suas relações.

Figura 9 – O sonho e seus símbolos



Fonte: Mourão (2017)

Sabendo que a linguagem dos sonhos é simbólica, Von-Franz (1988, p. 28), explica que “nos sonhos, o inconsciente é revelado através de símbolos. A chave para a

compreensão de um sonho é conhecimento do símbolo”, e que ao recordar um sonho sob o que nele ocorreu, o que se apresenta parecendo não ter sentido algum, a consciência não é capaz de compreender os símbolos presentes nos acontecimentos deste sonho (VON-FRANZ, 1988).

Na linguagem coloquial, usamos com frequência expressões simbólicas para descrever aspectos da personalidade. Por exemplo, dizemos que alguém muito inflado a respeito da própria capacidade vai "cair das alturas", ou que "está com a cabeça nas nuvens", ou que "precisa pôr os pés no chão" — expressões simbólicas que racionalmente não fazem sentido algum. Nos sonhos o símbolo vive. A pessoa de fato voa e sente as sensações do voo (VON-FRANZ, 1988, p. 28).

Segundo Penna (2014, p. 113), “o símbolo como produto intermediário é consciente e inconsciente, e como tal, é sentido e percebido pela consciência como algo intrigante e inquietante que toca o ego”, em seguida resume que ele indica a necessidade e possibilidade que a consciência tem de entrar em contato com algo novo (PENNA, 2014, p. 113).

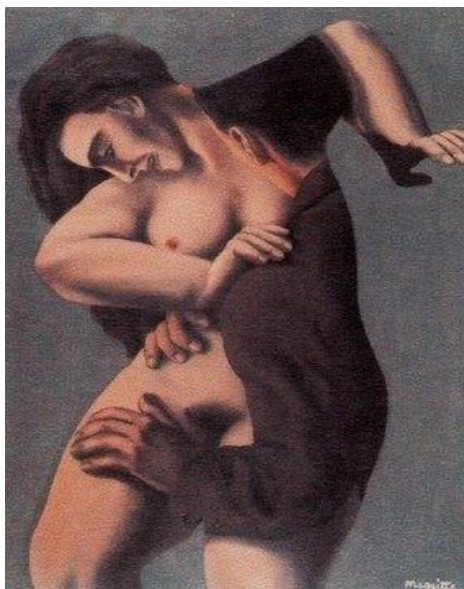
[...] um sonho revela o inconsciente sob a forma de imagem, metáfora e símbolo, numa linguagem intimamente associada à da arte. Longe de ser exposições objetivas e prosaicas, os sonhos costumam ser confrontos altamente subjetivos e pessoais, nos quais o ego, o "eu", sente emoções que vão do medo e hilaridade à sensação de sublime paz e beleza. Assim como as peças teatrais, os poemas e a pintura, a linguagem dos sonhos transmite o poder e a sutileza tanto dos sentimentos como do pensamento racional. Depois de pesquisar por muitos anos a linguagem dos sonhos, C. G. Jung descobriu e batizou alguns temas e figuras recorrentes que constituem a base dessa linguagem. Uma vez compreendidas, essas estruturas são facilmente reconhecíveis e os sonhos passam a fazer algum sentido para a mente consciente (VON-FRANZ, 1988, p. 16).

Os símbolos femininos e masculinos presentes na vida dos indivíduos estão comumente apresentados nos sonhos, seja através de símbolos que retratem a relação materna, paterna ou conjugal, ou mesmo de aspectos individuais da *anima* e *animus* em sua personalidade, que mesmo assim não deixam de estar ligados a uma terceira pessoa, conhecida ou não. Silveira (1981) infere que,

Segundo Jung, uma pessoa não aparece no sonho em lugar de outra, como um disfarce de outra. Os personagens que surgem no sonho, as situações representadas, referem-se de fato à realidade objetiva. Isso acontece geralmente quando as pessoas com as quais se sonha são conhecidos: íntimos ou desempenham papel atual na vida do sonhador. Mas se os figurantes do sonho são desconhecidos, ou mesmo quando conhecidos se não mantêm estreitas relações, no presente, com o sonhador, então adquirem significação peculiar: representam fatores autônomos da própria psique do sonhador (SILVEIRA, 1981, p. 96).

Nesse sentido, um exemplo é o conteúdo de um sonho de um homem em que está presente uma figura feminina, quando algo ou alguém apresenta-se como homem ou mesmo com características masculinas aparentes. A figura 10 exemplifica uma forma dessa representação em torno de uma figura predominante (a do sonhador, por exemplo).

Figura 10 – Símbolo: o componente masculino condensado à figura feminina



Fonte: IJEP (s/a.)

Assim, por exemplo, o princípio feminino existente no homem personificar-se-á, no sonho, na imagem de uma mulher jamais vista na vida real; e a sombra do sonhador tomará por empréstimo a face de um conhecido que possua as qualidades negativas que ele não quer reconhecer em si próprio. Na maioria dos casos ‘todas as figuras do sonho são aspectos personificados da personalidade do sonhador’ (SILVEIRA, 1981, p. 96).

Torna-se então pertinente a discussão sobre os símbolos presentes nos sonhos, em que se é possível identificar os arquétipos da *anima* e *animus* reprimidos pela consciência dos indivíduos contemporâneos, visto que a análise destes aliada a conteúdos conscientes, aqui declarados na perspectiva moderna de relacionamentos, favorece a elaboração e interpretação de dimensões pessoais dos indivíduos dessa modernidade.

Em se tratando do delineamento sobre as formas de agir de sujeitos contemporâneos que negam o contato com seus próprios aspectos inconscientes, embebedando-se na fonte dos conteúdos inconscientes e se projetando na esfera dos sonhos, faz-se necessário o entendimento a respeito da sombra, que consiste naquilo que assim como os símbolos, não está à luz da consciência e surge personificadas em figuras nos sonhos.

2.3.1 O elemento sombra

A sombra, como o que é negado e reprimido, segundo Ulson (1988), busca ser percebida e reconhecida, podendo assim ser assimilada pelo ego quando invade a consciência, determinando o retorno do reprimido. Nesse sentido, quando nesse estado de dissociação, tal conteúdo dessa sombra passa a ser autônomo, invadindo a atuação predominante do ego, assim, de uma forma bem comum, passa a ser negativamente vista, como um lado sombrio, “expressando nossos instintos sádicos e criminosos” (ULSON, 1988, p. 61).

Dentre todos os conteúdos arquetípicos, o que se encontra mais próximo do ego é a sombra. Seu estrato mais superficial constitui o que chamamos de *inconsciente pessoal*, formado por elementos que já fizeram parte do consciente, mas que foram reprimidos por serem incompatíveis com os valores do consciente, ou ainda por conteúdos subliminares que, por não serem suficientemente fortes para atravessar o limiar da consciência, permaneceram em estado de latência (ULSON, 1988, p. 60).

Desta forma, a sombra constitui o inconsciente pessoal, mas tem em seu núcleo o inconsciente coletivo, pois se trata de um arquétipo, e essa é personificada nos símbolos que carregam o significado do mal (ULSON, 1988). Atribui-se à sombra o termo de “submundo da psique”, pois nela estão os desejos reprimidos, os instintos, as emoções e sentimentos mais primitivos; é o que o ego rejeita, que tenta escapar da instância do id e não é aceito pelo superego. No entanto, para que haja o processo de individuação, é necessário que o aspecto numinoso da sombra seja integrado.

A sombra é então uma das figuras que personificam uma condição da personalidade e que se manifestam na esfera dos sonhos. Von-Franz (1988) explica que

Sombra é o nome que em geral usamos para pessoas do mesmo sexo do sonhador que aparecem em seus sonhos. Essa figura comumente apresenta qualidades ligeiramente inferiores ou opostas ao ego do sonhador. Ela pode personificar nosso lado inferior — nosso melhor inimigo, por assim dizer — mas também pode ser apenas nosso outro lado. Uma bela dupla de ego e sombra, por exemplo, é Dom Quixote e Sancho Pança. Um é irrealista e cheio de fantasias, o outro vive no corpo e tem os pés no chão. Um não pode viver sem o outro. Eles são um exemplo típico do ego e sua sombra numa de suas mil formas (VON-FRANZ, 1988, p. 17).

Jung (2000) destaca que o sujeito que é capaz de ver e suportar sua própria sombra terá pelo menos se aproximado do seu inconsciente pessoal.

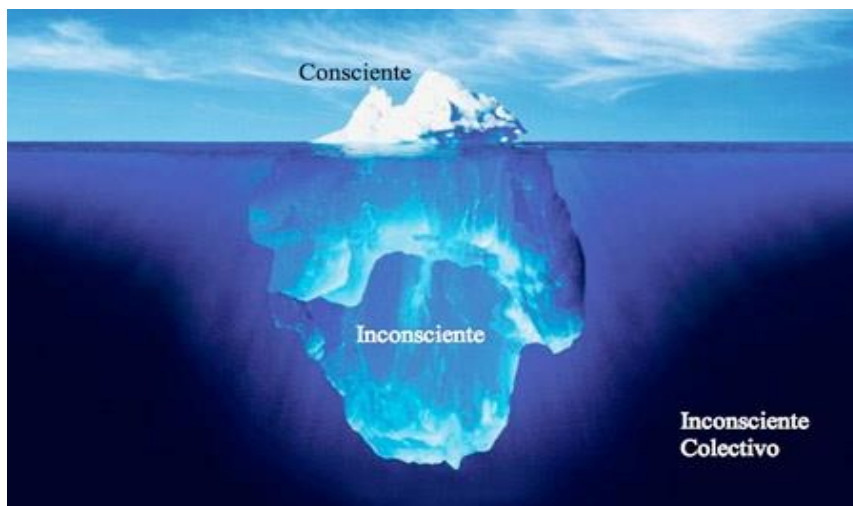
Talvez prestemos atenção a sonhos que ocorrem em tais momentos, ou pensemos acerca de acontecimentos ocorridos no mesmo período. Se tivermos tal atitude, forças auxiliadoras adormecidas na nossa natureza

mais profunda poderão despertar e vir em nosso auxílio, pois o desamparo e a fraqueza são vivência eterna e eterna questão da humanidade. [...] Mas em que medida o homem conhece a si mesmo? Bem pouco, como a experiência revela. Assim sendo, resta muito espaço para o inconsciente (JUNG, 2000, p. 31).

Discorre ainda que esse encontro e aceitação da parte obscura do ser, a sombra, flui de um processo de autoconhecimento e enfrentamento da crise que isso proporciona. Ou seja, segundo Jung (2000, p. 31), “o encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo”.

O mar é conhecido universalmente como o símbolo do inconsciente, o que indica a figuração da água nos sonhos (conforme ilustra a figura 11). Partindo desse juízo, Jung (2000, p. 32), utilizando-se dessa metáfora para dar sentido ao encontro e compreensão do “eu” individual à própria sombra, que é resumidamente o acesso intencional ao inconsciente, explica que este é o contato com “o mundo da água, onde todo vivente flutua em suspenso, onde começa o reino do ‘simpático’ da alma de todo ser vivo, onde sou inseparavelmente isto e aquilo, onde vivencio o outro em mim, e o outro que não sou, me vivencia”.

Figura 11 – O inconsciente potente representado na imensidão oceânica



Fonte: Santos (2017)

Todavia, há de se reconhecer que no modo como a contemporaneidade se apresenta aos indivíduos, evidencia-se o estigma do acesso ao inconsciente, como antes discorrido, e que habitualmente a negação é preponderante a qualquer possibilidade de desenvolvimento do autoconhecimento. Tornando assim a atitude improvável do reconhecimento da sombra e seu reajustamento à personalidade.

2.3.2 Aspectos do feminino negados nos sujeitos contemporâneos

As identidades na contemporaneidade são construídas e definidas à luz dos discursos, conceituam-se no estado líquido, estão em constante movimento. Tem-se a ciência de que a sociedade atual apresenta-se investindo intensa e exacerbadamente seus meios de interação com o produto em detrimento do contato com o próprio sujeito, e que o envolvimento com o último requer o investimento consciente sobre o momento presente, o ambiente, as emoções e sentimentos. Giddens (2002) apud Vieira (2005, p. 210), infere que “a pós-modernidade tornou o sujeito passível de fragmentação e de dispersão, sendo a subjetividade reduzida a valor instrumental”.

Assim, a subjetividade faz morada num campo indubitavelmente inacessível e retratando um modo de participar no mundo extraordinariamente inconsciente. Nesse viés, como já discutido, modifica-se a estrutura de todo o conjunto do fenômeno afetivo, tornando o contato indiferente e desinteressante. Santaella (2008), discorre sobre o papel da imprensa na construção de identidades femininas, sobre o qual fez uma pesquisa com uma determinada revista feminina, e a partir disso a autora relata que as revistas dedicadas ao público feminino, no geral, abordam temas

voltados para os ideais de identidade, sucesso, liberdade, maternidade, sexualidade, moralidade e cidadania [...]. Esses temas constroem um pós-feminismo, porque, indissolivelmente atado a hábitos e formas de consumo que não cessam de se renovar, trata-se de uma feminilidade que se distancia tanto dos constrangimentos da feminilidade convencional quanto dos imperativos do feminismo tradicional (FILHO, 2007, apud SANTAELLA, 2008, p. 106).

Nesse sentido, então, sob a utilização desses termos mais decorrentes de cortejo da mídia para a mulher, explica-se a vivência contemporânea da negação do autodesenvolvimento e da consciência, que viriam a repelir a exigência de que o sistema imponha aos indivíduos os conceitos de identidade e sucesso, sem ao menos considerar o tempo, contexto e ritmo de cada um, nem simplesmente ponderar a existência de uma conceituação subjetiva de sucesso. O que é retratado não somente entre o público feminino, mas no modo como a sociedade como um todo caminha, que é fruto das suas esferas de evitação.

Assim, a expressão ‘pós-feminismo’ tem sido usada para proclamar o desinteresse (ou mesmo a aversão) pelo feminismo [...] num mundo moldado pelas conquistas do movimento (ampliação do acesso ao emprego e à educação, edificação de novos arranjos familiares, por exemplo). Em sua versão corrente, o pós-feminismo representaria [...] a simultânea apropriação, distorção e trivialização de premissas e objetivos centrais da segunda onda feminista – repelida como

desesperança e repressora, interessada em submeter as mulheres a um conjunto limitado de comportamentos e crenças politicamente corretas em que todos os aspectos da vida pessoal são rigidamente prescritos e policiados (FILHO, 2007, apud SANTAELLA, 2008, p. 106).

Sob a citação acima, em que se utiliza o conceito de “pós-feminismo”, considera-se que há o desinteresse da sociedade em lutar para manter de maneira definitiva um modo livre de ser mulher, permitindo então que se sobreponha os padrões rígidos de atuação. Tal assertiva indica o desejo que se tem em eliminar o controle soberano do *animus* adoecido, que utiliza imposição de poder e força, e retrata que tanto a mulher em si, como quem quer que apresente características femininas – como alguns homossexuais – seja repudiado (como indica a aversão e distorção do feminismo tradicional, que por sua vez apenas visa igualdade para que a mulher possa existir em concomitância, de sua forma natural e original, sem que seja subjugada e submetida aos critérios dominantes do masculino).

A sociedade, então, seguindo o seu percurso histórico de lutas e dominância e o conseqüente cenário de direito pela liberdade, atua com o desejo de expandir, mas que se restringe somente à matéria. Assim ela investe na incorporação da fantasia para a construção de uma identidade em que precisa ser espetacularizada (o que indica na figura 12), uma vez que idealiza modos e padrões de personalidade que, no entanto, não se vivencia com profundidade. Nega-se assim a potência inerente ao organismo de ser congruente com o que é intrínseco à condição humana, como desenvolver relações interpessoais baseadas na empatia e dedicação ao outro.

Figura 12 – Valorização exacerbada da imagem aparente



Fonte: d'Ávila (2018)

Na ansiedade da busca de aceitação social e de sua identidade, a mulher nega a sua própria natureza e sem perceber, se submete a assumir uma

identidade falsa, que lhe é atribuída, para se sentir aceita e se adaptar na sociedade. A mulher incorporou a ideologia da sua inferioridade, assim, como o sentimento interno de fragilidade da sua constituição e a impotência de ser um indivíduo, e por isso, nega os valores femininos e adotam os masculinos, tornando-se seres sem alma (CAVALCANTI, 1993, apud MENEZES, 2003, p. 29).

A verdadeira identidade da mulher real interior (aliada ao amor originário e habilidade em desenvolver relações afetivas sadias), por exemplo, é concebida da potência a ser autônoma e se desenvolver sem a qualificação e aprovação do outro, visto que há uma tendência da condição humana em solicitar confirmação, pois os contatos são passíveis de aceitação e aprovação. E quando essa mulher busca no mundo o reconhecimento de sua Afrodite interna, aspectos femininos contemplados pela beleza e ternura divinal, frustra-se, revelando sua não percepção e identificação com o que é de fato seu.

A repressão do aspecto feminino trouxe como consequência o desenvolvimento extremo do princípio masculino. No nosso mundo passou a ser mais valorizado o mundo exterior em detrimento do mundo interior, o que afastou as mulheres de sua verdadeira natureza e criou uma série de conflitos relacionados com os princípios que governam o seu ser; principalmente no que se refere aos relacionamentos. Pois, tiveram que desenvolver mais o princípio masculino dentro delas, como a lei, a ordem e o racional; e perderam o contato com o princípio feminino, que dita as leis da integração. O princípio feminino é mais ligado com os sentimentos do que com as leis e princípios do mundo exterior. Ao longo dos anos, desde o movimento feminista, as mulheres começaram a imitar os homens na forma de ser, adotando os papéis masculinos, perdendo, assim a identidade feminina. Na ânsia de ser aceita socialmente, negam sua própria natureza, rejeitam a maternidade e a sensibilidade (HARDING, 1985, apud MENEZES, 2003, p. 08).

E o homem, quando nega sua *anima*, busca também o sentimento de satisfação por ser aprovado e qualificado. Nega-se que pode se apresentar ao mundo de maneira acolhedora, doadora, sensível, apaixonada, apreciativa e afetuosa, restringe-se a um escudo que mantém sua aparência sob aspectos masculinos, e também, evita-se assim os julgamentos, o que atingiria o reprimido e não quer entrar em contato para que não ameace a representação da identidade por ele criada, baseada em arquétipos.

Assim, tanto o homem quanto a mulher se revelam à ótica da qualificação pela imagem, visto que a sociedade contemporânea contata o mundo de forma imediata e não racional, a apresentação discursiva fica em segundo plano, mas nem sempre deixa de estar em par com a imagem. A expressão do ser humano real então consta no terceiro plano, sobremaneira recusado e não acessado, pois a liquidez moderna requer economia de tempo. A foto postada é de imediato vista e subjugada ao que contém nela, que visa

agradar aos olhos de quem vê. Sob tal perspectiva, nega-se os aspectos relacionados ao íntimo emocional e sentimental, as características próprias da condição feminina, da *anima*. Homens e mulheres assumem a postura de estarem juntos em sociedade atuando de forma sobreposta ao outro, com competição e não consciência sobre como coexistem.

O *animus* em sua forma negativa afasta as mulheres de qualquer relacionamento, as leva a passividade, uma paralisação profunda de todos os sentimentos, uma profunda insegurança que pode levar a uma sensação de vazio, afastando-a de toda realidade da vida (MENEZES, 2003, p. 33).

É aí que surge a indiferença, isenção, além dos aspectos da sombra com os quais não se tem intimidade, como a agressividade, tirania, arrogância, violência, impiedade, apatia e antipatia, desprezo, dentre outras formas de intolerância e distanciamento nas relações, que tem como fundo a não aceitação de conteúdos próprios da sua personalidade, estejam eles na sombra, ou no mais profundo inconsciente como a original essência do ser.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui finalidade básica, com uma abordagem qualitativa, método exploratório e procedimento bibliográfico. Trata-se de uma pesquisa secundária (pois utilizou-se de estudos primários) em base de Revisão Sistemática, cujo objetivo é tratar os dados por meio do método dialético, e verificar então a relevância dos assuntos em discussão pela comunidade acadêmica. Esse método consiste em uma análise crítica de como se apresentam os fenômenos e para que servem, levando em consideração o contexto em que estão inseridos.

Partindo do pressuposto de que todos os conceitos podem ser testados, a partir disso é possível se obter uma nova teoria. Ou seja, as palavras (termos chaves) que melhor definem o objeto deste estudo passam por uma revisão de como e se estão sendo discutidos na atualidade, pelo ponto de vista acadêmico, e assim são inferidas teses a respeito, indicando suposições dos porquês se apresentam ou se ausentam de tais formas.

O ponto de partida para o método dialético na pesquisa é a análise crítica do objeto a ser pesquisado, o que significa encontrar as determinações que o fazem ser o que é. Tais determinações têm que ser tomadas pelas suas relações, pois a compreensão do objeto deverá contar com a totalidade do processo, na linha da intencionalidade do estudo, que é estabelecer as bases teóricas para sua transformação. Uma das características do método dialético é a contextualização do problema a ser pesquisado, podendo efetivar-se mediante respostas às questões: quem faz pesquisa, quando, onde e para que? Não se trata de subjetivismos, mas de historicidade, uma vez que a relação sujeito e objeto na Dialética vêm a cumprir-se pela ação de pensar (WACHOWICZ, 2001, p. 01).

O método dialético visa traçar uma linha transversal crítica que objetiva compreender, significar e ressignificar os fenômenos.

Desenvolver ciência usando o método dialético é assumir que o saber está contaminado por ideologias e que cabe ao cientista social desvendar o que está escondido na aparência dos fenômenos sociais, particularmente na experiência cotidiana da vida em sociedade (DINIZ e SILVA, 2008, p. 11).

A pesquisa de finalidade básica, segundo Minayo (2001, p. 53), “visa criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que já se encontra produzido”, e esta, de modo qualitativo, “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 22).

Quanto ao método qualitativo, é baseado no pressuposto subjetivo da natureza do fenômeno estudado. Goldenberg (2011) revela que

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria (GOLDENBERG, 2004, p. 17).

É importante destacar, em continuação, que “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008). Nesse contexto, a presente pesquisa dedica-se a, além de esclarecer sobre os aspectos inconscientes masculinos e femininos nos sujeitos contemporâneos, formular também o questionamento acerca dos efeitos da negação destes, dando respaldo para continuação posterior do estudo sobre a específica temática.

Já para Gil (2008, p.50) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, sua base será na leitura de material bibliográfico publicado pelo fundador da Psicologia Analítica, C. G. Jung, bem como autores que o referenciam em seus estudos; além de artigos e pesquisas publicadas na área. Faz-se necessário também o estudo a respeito de conceitos presentes na Pós-Modernidade, discorridos por Zygmunt Bauman, por meio também de livros e artigos.

Assim, o estudo teórico sobre os assuntos centrais do presente trabalho exige o auxílio da biblioteca para a consulta aos materiais publicados. Gil (2008) esclarece que:

Nas pesquisas bibliográficas e em muitas pesquisas documentais, o trabalho de consulta à biblioteca, após essas fases iniciais, tende a se tornar mais intenso, pois é justamente na biblioteca que se processa a coleta de dados. [...] A necessidade de consulta a material publicado manifesta-se ao longo de todo o processo de pesquisa (GIL, 2008, p. 79).

Este estudo, portanto, segue uma lógica investigativa a partir dos seguintes conceitos: Psicologia Analítica, símbolos, arquétipos, inconsciente, anima e animus, sonhos, negação, contemporaneidade, feminino, liquidez e persona. Esse último, segundo Jung (2008), “como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si

mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva”.

Farias et al. (2009) ressalta que a principal característica de uma pesquisa laboratorial é o ambiente controlado em que é realizada, independentemente de ser em um laboratório, ou até mesmo biblioteca ou fontes virtuais de dados. E explica ainda que “estas pesquisas, que geralmente são experimentais, adotam ambientes de simulação para reproduzir o fenômeno objeto do estudo, além de utilizar-se de instrumentos específicos e precisos de coleta e análise de material” (FARIAS et al., 2009).

Por se resumir a uma pesquisa bibliográfica em local laboratorial, o ambiente de estudo foi a biblioteca física e virtual do CEULP/ULBRA, localizado na Avenida Joaquim Teotônio Segurado, 1501, Plano Diretor Sul da cidade de Palmas-TO e plataformas virtuais/científicas que contém artigos, livros em formato PDF e teses e dissertações. O período dado a esse estudo é de fevereiro a dezembro de 2019.

O objeto de estudo se dá na verificação dos aspectos psicológicos de natureza feminina negados na representação com o mundo exterior em sujeitos pós-modernos. É estimada a leitura de modo transversal, com referência em material teórico dos autores principais que focalizam seus estudos na interpretação e análise de sonhos, arquétipos e símbolos; feminilidade e construção dessa figura de modo histórico, e sobre os modos de percepção acerca do meio exterior numa sociedade pós-moderna.

Os critérios de inclusão são adotados, para a revisão sistemática, com os artigos publicados virtualmente entre os períodos de 2014 a 2018, que visam os temas: Psicologia Analítica, símbolos, arquétipos, inconsciente, *anima* e *animus*, sonhos, negação, persona, pós-modernidade, feminino, liquidez e cultura. E para o desenvolvimento bibliográfico, livros e artigos publicados a partir do ano de 1964, que teorizam sobre Psicologia, Psicanálise e Psicologia Analítica, Antropologia e Sociologia.

Já os critérios de exclusão referenciam-se aos livros e artigos publicados em plataformas virtuais fora da data estipulada ou que não abordam os temas propostos pela pesquisa. E os que tratam a respeito do tema e estão sob o período determinado, mas que não tenham interface com o as teses abordadas pela Psicologia Analítica; além dos artigos que não estão disponíveis para leitura virtual ou download.

Segundo Minayo (2011), é necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos

elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de contê-la (MINAYO 2011, p. 15). Destarte, as variáveis recebem classificação qualitativa do tipo nominal e ordinal, devido sua condição de não passível de mensuração, pois trata-se de natureza teórica-subjetiva em que se coleta dados sobre o fenômeno.

Segundo Dencker (1998) sobre a coleta de dados de uma pesquisa qualitativa, comumente “aplicam-se apropriadamente a esta modalidade a observação, a entrevista e a análise documental” (apud ALEXANDRE et al., 2018). A presente pesquisa utilizou-se de bibliografia presente em livros, artigos e revistas; e segundo Gil (2008) sua principal vantagem “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Assim, a origem e autoria da bibliografia de pesquisa se dá por terceiros, pelos autores correspondentes aos assuntos abordados e, portanto, trata-se de uma bibliografia que será utilizada e apresentada através da interpretação dos conceitos e dados encontrados e da análise do discurso, em que “para afirmar que determinado enfoque é um discurso analítico, alguém deve necessariamente dizer algo mais; não é apenas uma questão de definição, mas implica assumir uma posição dentro de um conjunto de argumentos muito questionado - mas importante” (BAUER; GASKELL, 2002).

A pesquisa não envolve experimento com seres humanos. Entretanto, é importante frisar os cuidados necessários para o seu delineamento, não reforçando com violações e práticas ofensivas aos direitos humanos. Focalizando a promoção de reflexão acerca do tema desenvolvido e o crescimento da ciência, em observação à resolução 466/12 do Ministério da Saúde. Não envolve riscos, visto que não se trata de uma pesquisa aplicada ou experimental com seres humanos, em que seja necessário realizar intervenções práticas. Os benefícios visam a contribuição com a problematização do tema no exercício da profissão (Psicologia) e reflexão para as áreas da Psicanálise e Psicologia Analítica, Sociologia e Antropologia. Além de fomentar discussões sobre a relação dos assuntos propostos e colaborar com o desenvolvimento científico.

Espera-se que a partir dessa pesquisa, seja possível averiguar os aspectos de *anima* e *animus* presentes na sociedade contemporânea, bem como suas negações, além de se compreender o modo como se representam nas experiências e relações interpessoais dos sujeitos contemporâneos e sua relevância no meio acadêmico. O que porventura contribui com a reflexão acerca do tema na área da Psicologia. Além de possibilitar a

reflexão sobre a atuação do homem contemporâneo e as consequências da negação do que é intrínseco à condição humana, verificando essa fluência inclusive nos sonhos.

4 RESULTADOS

Para este estudo foi utilizado o modelo de Revisão Sistemática (conforme escrutinado na Metodologia), sendo que posteriormente os dados foram tratados pelo Método Dialético, definindo-se as plataformas de pesquisa, período de publicação que varia de 2014 a 2018, e a quantidade de artigos encontrados em cada busca, a respeito dos cinco conceitos-chaves: contemporaneidade, símbolos, *anima* e *animus*, sonhos e negação. Por ser *anima* o conceito que melhor define a pesquisa, fez-se necessária a utilização de tal palavra de forma cruzada com as demais; e cada uma dessas cruzadas com o termo Psicologia.

Como método adotado para a pesquisa nas bases de dados definidas, o afunilamento utilizado com palavras-chaves cruzadas entre si visa um melhor alcance aos assuntos estudados. Optou-se por utilizar a palavra *anima* cruzada com as quatro demais em função de ser ela o elemento basilar do problema da presente pesquisa. A outra palavra utilizada em cruzamento com algumas serve para delimitar a área de estudo a qual abrange os conceitos-chaves designados.

O afunilamento então organiza-se em, de modo consecutivo: cruzamento de duas palavras-chaves para especificar sobre o assunto, o que é ilustrado nas tabelas (1 e 2) indicando os resultados; e em seguida, adota-se o critério de inclusão primário que é a classificação desses resultados no período definido. Por fim, após a leitura flutuante chega-se ao resultado final, de interesse, através de quantos artigos estão nesse período, fazendo assim o detalhamento destes pelas cinco classificações definidas.

As cinco palavras foram pesquisadas nas plataformas BV Salud (Biblioteca Virtual em Saúde) e Scielo (Scientific Electronic Library Online). Para afunilar os resultados, iniciou-se a busca por “contemporaneidade e *anima*”. Na primeira plataforma, sem delimitação de filtros, obteve-se o resultado de 7 artigos publicados, sendo 6 da Revista Junguiana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, e somente 1 em específico sobre o tema de relação dessa pesquisa, que, adentra os critérios de exclusão, não se encontrando disponível para leitura online ou download. Já na Scielo, a busca foi realizada também sem filtros, somente com as duas palavras, e não se obteve resultados.

Nesse contexto, é importante ressaltar a relevância da presença da Revista Junguiana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica nesses resultados, uma vez que a revista dedica-se ao investimento dos estudos e publicações a respeito de conceitos não usualmente discutidos pela comunidade acadêmica, inclusive pela Psicologia em seu

modo geral; frisa-se então que os artigos publicados nesta não encontram-se disponíveis virtualmente, uma vez que se trata de uma revista científica que é vendida.

Quando realizada a busca por “*anima* e símbolos” em Bv Salud, obteve-se 14 resultados, sendo 8 da Revista Junguiana, e somente 2 de interesse (um disponível em arquivo PDF e outro não). Quando pesquisada em Scielo, as palavras destinam a 0 resultados. Ao se pesquisar por “*anima* e sonhos” e “*anima* e negação” nas duas plataformas, também não se obteve resultados.

Seguindo a segunda estratégia dessa coleta e análise de dados, que consiste em cruzar cada conceito chave com “Psicologia”, é dado o seguimento: inicialmente, buscou-se por “Contemporaneidade e Psicologia”, para afinar, visto que a primeira palavra possui uma amplitude discursiva e de forte predominância na comunidade acadêmica. Em Bv Salud, sem delimitação de filtros, obteve-se o resultado de 559 artigos publicados, limitando-se à consulta em 200, foram encontrados 14 em específico sobre o tema de relação (classificação de período não aplicada). Por então indicar um número em centenas de documentos, dedicou-se a delimitar a pesquisa para análise dos dados entre duzentos publicados. O critério utilizado para tal limitação foi a escolha livre de 1/3 dos resultados, ou seja, 2 páginas de 6, exibindo a média de 100 documentos em cada.

Já na Scielo, a busca também realizada sem filtros, resultou em 184 artigos, dentre eles, 10 encontrados pelo interesse em específico. Somando os resultados encontrados através das duas plataformas, em um total de 24, destes, 13 correspondem ao período de publicação definido (2014-2018). Assim, dentre as duas plataformas utilizadas para a busca, somando os resultados iniciais em 743, destes, 719 artigos não possuem adesão ao objeto estudado.

Quando realizada a busca por “símbolos” em Bv salud, obteve-se 91 resultados. Destes encontrados, somente 6 nos assuntos de interesse, e filtrando pelo período definido, somente 4 abarcavam essa determinação. Já em Scielo, após a palavra pesquisada não obter resultados, utilizou-se os filtros “áreas temáticas” e “Psicologia, multidisciplinar”, alcançando assim 31 resultados. Destes, assim como na plataforma anterior, 6 artigos são de interesse e somente 4 deles foram publicados no período estipulado. Somando as duas pesquisas, somente 4 artigos dentre os 8 são de interesse para a análise dialética.

A busca pela palavra-chave “*anima*” em Scielo foi efetuada com utilização de filtros, sendo eles: “idioma” (português), “ano de publicação” (2014 e 2018), “áreas temáticas” (“filosofia”, “psicologia, multidisciplinaridade” e “psicologia”) e “coleções”

(Brasil). Obteve-se 8 resultados, sendo apenas 2 de interesse ao tema, porém nenhum destes publicados entre 2014 e 2018.

Nas duas bases de dados foi pesquisado por “*anima* e Psicologia” e não se chegou a resultado algum. Em seguida, em Bv Salud, buscou-se somente pela primeira palavra, com filtro de: “teoria Junguiana” (pois a palavra *anima* por si só não especifica língua e significado), resultando em 07 documentos, e nenhum de utilização para análise sistemática.

Nesse sentido, utilizou-se “*anima* e *animus*” com filtros: “regional” e “janguiana”, obtendo o número de 47 resultados, sendo 39 publicados na Revista Junguiana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (que está indexada a BV Salud) e 8 em demais fontes. Através do resultado destes 47 publicados, chegou-se a 14 especificamente pelo tema desejado. Afunilando ainda mais, chegou-se a somente 2 textos completos e disponíveis virtualmente que abrangem o período determinado, publicados respectivamente em 2016 e 2018 (publicados através da Revista Junguiana). Os dois arquétipos juntos ao serem pesquisados em Scielo, obteve-se um resultado de três artigos, sendo nenhum destes de interesse pertinente a pesquisa da qual se trata.

A palavra “sonhos” foi pesquisada em Bv Salud com os filtros: “país/região como assunto” (Brasil), “idioma” (português) e “coleções” (base de dados nacionais), resultou-se 428 em documentos publicados. Em seguida, utilizou-se o filtro “ano de publicação”, selecionando os anos de 2014 a 2018, uma vez que consecutivamente chegou-se ao número de 34 artigos publicados, assim, verificou-se que não há nenhum artigo que corresponda ao objeto de estudo interessado. Assim, há 394 estudos feitos sobre sonhos em um período anterior a 2014. Já na plataforma Scielo pesquisou-se pela palavra utilizando-se dos filtros: “idioma” (português) e “ano” (2014 a 2018), obtendo 43 resultados e, também, nenhum ao encontro do objeto estudado.

Na plataforma Scielo, ao se pesquisar por “negação” com os mesmos filtros de ano e idioma, chegou-se a 119 resultados. Verificando, por conseguinte, que não há nenhum texto publicado que envolva o interesse deste estudo. Já superfície de busca Bv Salud, quando se busca por este termo, verificou-se que há 4.198 resultados, visando então o afinamento para especificar a área de estudo, associou-se a palavra a Psicologia, indicando um resultado de zero; e na outra base de dados, obtém-se 54 resultados, sendo nenhum pertinente ao objeto estudado.

Neste contexto de escassez de resultados quando dois termos chaves associados, opta-se por utilizar somente o conceito inicial, com os filtros de busca: “idioma” em

português, “artigo da revista” (Psicologia) e “ano de publicação” (2014 a 2018). Por conseguinte, a resposta foi de 36 artigos, sendo nenhum de interesse. Ao que se segue em uma Revisão Sistemática, faz-se então uma cartografia da síntese dos dados levantados em tabelas, separadas por plataforma de busca e ao final os dados de forma geral. A seguir estão indicados em tabelas (1, 2 e 3) os resultados das buscas por palavras chaves e, respectivamente, as classificações definidas para o estudo do método dialético.

Tabela 4 – Palavras-chaves e suas interligações com os resultados correspondentes obtidos pela plataforma de busca BV Salud

BV SALUD			
PALAVRA-CHAVE	Palavra relacionada no campo de busca	Resultados de busca	Resultados pertinentes
ANIMA	Contemporaneidade	7	1
	Símbolos	14	2
	Sonhos	0	-
	Negação	0	-
	<i>Anima</i>	7	-
	Animus	47	14
	Psicologia	0	-
PSICOLOGIA	Contemporaneidade	559, limitado a 200	14
	Negação	0	-
SONHOS	-	34	0
SÍMBOLOS	-	91	4
NEGAÇÃO	-	36	0
RESULTADOS		813	39

Fonte: própria autora (2019)

Tabela 5 – Palavras-chaves e suas interligações com os resultados correspondentes obtidos pela plataforma de busca Scielo

SCIELO

PALAVRA-CHAVE	Palavra relacionada no campo de busca	Resultados de busca	Resultados pertinentes
ANIMA	Contemporaneidade	0	-
	Símbolos	0	-
	Sonhos	0	-
	Negação	0	-
	<i>Anima</i>	8	2
	Animus	3	0
	Psicologia	0	-
PSICOLOGIA	Contemporaneidade	184	10
	Negação	54	0
SONHOS	-	43	0
SÍMBOLOS	-	31	4
NEGAÇÃO	-	119	0
RESULTADOS		442	18

Fonte: própria autora (2019)

Tabela 6 – Síntese dos resultados obtidos de forma geral pelas duas plataformas de busca

Artigos segundo as palavras-chaves	Artigos pertinentes ao objeto estudado (sem as classificações)
1255	53
<p>Total de artigos encontrados, dentro dos critérios de inclusão (período), que se aproximam dos objetos estudados: 20</p> <p>Desses 20, o que maior tem relação com o tema da pesquisa: 01 (“A difícil arte de amar: A limitação do conhecimento entre o homem e a mulher, uma interpretação da psicologia simbólica junguiana”, de Byington, 2014).</p>	

Fonte: Própria autora (2019)

Desses 53 artigos encontrados que são pertinentes ao objeto estudado, após todo o afinamento realizado, de modo finalístico, apenas 20 competem ao interesse com o qual se delimitou classificações para esta pesquisa, ou seja, 20 artigos encontram-se dentro dos critérios de inclusão.

Ao se explanar esses resultados encontrados dentro do período definido de publicação, sendo de cinco anos (2014 a 2018), classifica-se esses artigos pertinentes ao objeto de estudo nas seguintes categorias em que estão sendo discutidos: região do país, área de conhecimento, sexo, profissão e titularidade do(s) autor (es). Através desse método de classificação segue exposto por meio de tabelas (4, 5 e 6) os trabalhos encontrados e considerados pertinentes ao objeto de estudo da presente pesquisa, detalhado pelas classificações com suas respectivas quantidades.

Tabela 4 – O termo *anima* cruzado com as demais palavras e as classificações dos artigos publicados com as quantidades correspondentes

Palavra associada	Região	Área	Sexo	Profissão	Titularidade
<i>Anima</i>	-	-	-	-	-
<i>Anima e contemporaneidade</i>	-	-	-	-	-
<i>Anima e símbolos</i>	Nordeste	Psicologia	Masculino	Psicólogo	<i>Não consta</i>
<i>Anima e sonhos</i>	-	-	-	-	-
<i>Anima e negação</i>	-	-	-	-	-
<i>Anima e animus</i>	Sudeste: 2	Psicologia e Psicologia Analítica	Feminino e Masculino	Psicóloga: 1; Analista junguiana: 2; Psiquiatra: 1	<i>Não consta</i>
<i>Anima e Psicologia</i>	-	-	-	-	-

Fonte: própria autora (2019)

Tabela 5 – O termo Psicologia cruzado com as demais palavras e as classificações dos artigos publicados com as respectivas quantidades

Palavra associada	Região	Área	Sexo	Profissão	Titularidade
Contemporaneidade e Psicologia	Sul: 2 Centro-oeste: 1; Nordeste: 3 Sudeste: 7	Psicologia: 10; Psicanálise: 2	Feminino: 14; Masculino: 8	Psicóloga: 16; Historiador: 1 e Psicanalista: 2	Pós-Graduação: 1 Mestrado: 5; Doutorado: 9 Pós-Doutorado: 1
Negação e Psicologia	-	-	-	-	-

Fonte: própria autora (2019)

Tabela 6 – Palavras pesquisadas de forma individual e suas respectivas classificações

Palavra-chave	Região	Área	Sexo	Profissão	Titularidade
Sonhos	-	-	-	-	-
Símbolos	Nordeste: 3; Sudeste: 2;	Psicologia : 4	Masculino : 3; Feminino: 4	Psicólogos: 5; Psiquiatra: 1	Doutorado : 1
Negação	-	-	-	-	-

Fonte: Própria autora (2019)

5 DISCUSSÃO

O percurso da coleta de dados para se chegar aos resultados obtidos foi sucedido pelo método dialético, notando através deste a escassez de pesquisas a respeito das terminologias “símbolos”, “sonhos” e “negação” quando aliadas a *anima*, percebendo assim uma cientificidade desfalcada a respeito. Uma vez que há essa ausência de registros, há uma deficiência no saber a respeito das ciências psicológicas de relações transpessoais, o que pode indicar também a baixa compreensão da ciência Analítica, de ordem transcendente, o que se resume a uma negligência da Psicologia acerca dessas temáticas.

A *anima* presente nos sonhos é uma relação da qual o campo prático não faz uso, tendo em vista a defasagem de resultados a respeito. Entretanto quando se busca pela palavra, há exposto uma gama de temas na perspectiva da Psicologia Analítica, uma vez que nessa área há importantes discussões sobre os aspectos masculinos e femininos que regem as relações, incluindo-se o fato de a Psicologia se empenhar em discutir as experiências dos sujeitos contemporâneos, aí então a Psicologia Analítica se encarrega de elaborar sobre os arquétipos desses indivíduos; porém quando se busca entender como estão sendo manifestados os conceitos arquetípicos em homens e mulheres, há desfalque de um tratamento pela comunidade acadêmica.

Um tema bastante relevante e predominante dentre os estudos em ciências sociais/psicológicas é a contemporaneidade. O estudo acerca desse tema é uma ferramenta de pesquisa bastante rica em resultados, visto que a ciência tende a questionar os fenômenos existentes da realidade presente para que se crie uma nova tese, nesse sentido de grande generalização, houve então a preferência do afunilamento quando se relaciona a área do saber que tange esta pesquisa, assim, a contemporaneidade relacionada a Psicologia retrata uma gama de estudos publicados por anunciar sobre a amplitude do comportamento humano e a ciência se movimentar a buscar respostas e explicações. O estudo também confere, nesse âmbito da contemporaneidade, que a sociedade “nega a negação”, por não encontrar publicações sobre negação em questões inconscientes, tampouco sobre o homem da atualidade que faz isso de maneira geral.

Os pontos que não fazem relação dentre as bases de dados são indicados quando se denuncia que essa pesquisa não alcançou os resultados esperados, visto que os três principais elementos: negação, *anima* e sonhos não apontam nenhuma pesquisa prática. Ou seja, a ciência empírica ainda não relacionou esses elementos entre si, mesmo quando se trata de *anima* e sonhos, é um ponto incerto o mecanismo da negação, tendo em vista

que ele se projeta claramente no sonho; nesse contexto, esse estudo visa acrescentar possibilidades de pesquisa, ir além do que já é tratado, por uma perspectiva da negação por meio de simbologias, elaboradas pela Psicologia Analítica.

O desfalque na relação entre *anima* e sonhos é indicado não somente quando se busca por estudos nas duas bases de dados definidas dessa pesquisa, mas quando se faz uma busca geral na maior plataforma de pesquisa e serviços online que é o Google. Ressaltando mais uma vez que a condição humana flui num processo de evolução, entretanto, para que isso aconteça de forma plena e integral, é necessário que o homem integre e (re)-conheça suas esferas biopsicossociais, e para além disso, perceba e experimente sua alma como parte de si mesmo. Explica Jung (2012, p. 60) que “a alma humana vive unida ao corpo, numa unidade indissolúvel, por isto só artificialmente é que se pode separar a psicologia dos pressupostos básicos da biologia [...]”.

Jung (2012, p. 71) implica que “a alma é o ponto de partida de todas as experiências humanas, e todos os conhecimentos que adquirimos acabam por levar a ela”. A representação da não integração e não percepção dos indivíduos sobre caminho e história do homem a respeito do encontro com sua alma é um dos fatores que indicam o desfalque pela ciência no campo prático a respeito do tema tratado nesse estudo.

Quando essa pesquisa discorre e referencia bibliograficamente sobre os termos utilizados para análise, ela supõe a possibilidade de encontrar-se com o assunto no campo prático da ciência, para além do material teórico existente, entretanto, ao se dar seguimento por meio de uma leitura e revisão sistemática de dados a respeito desses conceitos, os resultados encontrados refutam que a ciência brasileira – ao menos a partir das bases de dados escolhidas - se implica em discutir sobre o tema.

Observa-se a partir dos dados que o estudo dos sonhos possui uma considerável relevância no meio acadêmico (e que grande parte é de um período anterior ao delimitado), entretanto, de forma específica relacionada ao que se estuda nesta pesquisa, não há nenhum trabalho desenvolvido. Indicando assim uma atenção ao que possui notável relevância, partindo do exposto e desenvolvido teoricamente aqui, explicitando mais uma vez que se trata de uma ferramenta riquíssima de autoconhecimento e compreensão social a percepção da inter-relação dos arquétipos com as simbologias dos sonhos, retratação do nosso inconsciente.

Outro elemento de importante relevância na comunidade acadêmica (e social em geral) é a terminologia “negação”, uma vez que, como discorrido, trata-se de uma sociedade que amplamente não experiencia genuinamente o processo de integração e

individuação (essencialmente pelo investimento em autoconhecimento, obviamente) acaba por conviver fortemente com aspectos negados. E, havendo relações, há conseqüentemente a discussão a respeito, seja de modo científico ou não.

Evidentemente, com base na revisão sistemática realizada, muito se fala sobre negação, entretanto quando se liga ao arquétipo *anima*, pouco conhecido no saber social, não se encontra resultados que foquem a negação desse aspecto inconsciente. Assim, essa pesquisa não conseguiu encontrar artigos que abrangem ao núcleo das discussões. Tendo em vista que a esta pesquisa não compete nenhum trabalho publicado que visa os objetos de estudo centrais interrelacionados, entretanto, define-se somente um artigo que mais se aproxima (de grande parte dos assuntos) da pesquisa. Este, publicado na Revista Junguiana, de autoria de Byington (2014) apresenta o tema: “A difícil arte de amar: A limitação do conhecimento entre o homem e a mulher, uma interpretação da psicologia simbólica junguiana”.

Nesse único trabalho encontrado que mais tem aproximação com a pesquisa, o autor evidencia os arquétipos masculinos e femininos entre homens e mulheres e traz à tona a importância do processo de individuação, em que ocorre a integração à sua própria sombra, e como se dá a elaboração dos arquétipos de cada um em um ponto de vista histórico-cultural. A analogia da negação da *anima* deste estudo ao de Byington (2014) é posta quando se percebe uma não elaboração da identidade do homem e da mulher e assim quando um se relaciona com o outro, tendo em vista que a função estruturante do amor coexiste na capacidade da percepção do “Eu-Tu”.

Pelo fato de a elaboração simbólica somente realizar seu potencial pleno dentro da posição dialética de alteridade, é de fundamental importância elaborar as fixações da relação homem-mulher na dimensão matriarcal, depois na dimensão patriarcal e, finalmente, na própria dimensão da *anima*, do *animus* e da alteridade. Precisamos compreender, então, que a função estruturante do amor só pode ser profundamente elaborada e vivenciada quando o homem e a mulher se tornam capazes de se conhecer ao exercerem plenamente a posição dialética, que inclui os arquétipos da alteridade, da *anima* e do *animus*. Essa elaboração é inseparável da liberdade, da consideração mútua e dos direitos iguais para o desenvolvimento do homem e da mulher como companheiros no processo de individuação de cada um (BYINGTON, 2014, p. 03).

As palavras-chaves utilizadas neste estudo e que se aproximam a esse artigo de Byington (2014) são: *anima* e *animus*, negação, contemporaneidade e símbolos, não estando presente a elaboração teórica e discussão a respeito dos sonhos, objeto verificado por meio dessa análise de conteúdo com menor predominância e relevância no meio acadêmico. Esses termos são amplamente elaborados no artigo do autor, que frisa os

aspectos masculinos e femininos predominantemente dominantes nas relações interpessoais de maneira não integrada e como isso denuncia uma dificuldade de perceber o amor genuíno, com o olhar sobre os lugares de cada um com suas características personalistas.

Os artigos encontrados durante a análise de dados confirmam que o que foi referenciado nessa pesquisa – e aventado na hipótese – não vai ao encontro do que está sendo exposto pela comunidade acadêmica, tendo em vista que aqui foi elaborado o modo das relações contemporâneas que revelam negações dos aspectos internos inconscientes e que isso é claramente (baseado no ponto de vista Analítico, da leitura que a teoria faz no campo dos sonhos) revelado quando se sonha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa conclui que é evidente a escassez de estudos empíricos sobre a negação da alma, a partir da análise dos conteúdos oníricos dos sujeitos contemporâneos. Concomitantemente e de forma interligada, a dimensão do feminino acaba por ser atualmente negligenciada dentro de uma perspectiva Analítica, com base nessa ausência no campo empírico. Destarte, a Psicologia em si também abstrai discussões dessa esfera que se ligue a negação e suas consecutivas projeções nas relações, principalmente quando se trata de um outro elemento que é tão abrangente e passivo de interpretações e dialógicas como são os sonhos.

O percurso de investigação desse estudo retrata dificuldade por parte da pesquisadora em localizar elementos que convergem com o objeto estudado através de meios empíricos (e seus respectivos registros em bases acadêmicas), não confirmando assim a hipótese inicial. Chegou-se à conclusão, desta forma, que apenas um artigo mais se aproximou do tema, que expõe sobre os aspectos masculinos e femininos nas relações afetivas (“A difícil arte de amar: A limitação do conhecimento entre o homem e a mulher, uma interpretação da psicologia simbólica junguiana”, de Byington).

De modo hipotético, aponta-se que a não discussão científica do tema denuncia que, no modo líquido de se relacionar e não investir na elaboração e mergulho num processo de autoconhecimento (o que indica o trânsito da individuação), a sociedade percorre o caminho de angústia do vazio. Melhor dizendo, nesse caminho onde, de uma maneira massificada, há constante fuga do sofrimento; há concomitantemente o mecanismo de negação e aversão ao que provoca suas questões existenciais de maneira íntima. Em tese, indivíduos que não visualizam uma aproximação de sua consciência aos aspectos relevantes do inconsciente, também não enxergam que as formas de atuar do inconsciente, elaborados pela Psicologia Analítica, são emergentes e governam seus modos de se relacionarem.

Provavelmente há, então, uma negação sobre a negação dos aspectos femininos, compreendendo pelo ponto de vista de que se não há estudos e registros no campo, não há perspectivas de perceber e discorrer a respeito. Em que pese, claro, que no campo teórico o tema é discutido, no entanto no campo prático, ao se pesquisar sobre o tema explorado, nota-se uma defasagem de pesquisas em base de dados que abarquem essas discussões, havendo assim uma lacuna deste em termos experimentais.

Considerando estes temas de proeminente relevância e complexidade, este estudo se faz relevante quando aponta que não se está sendo discutido o objeto da pesquisa, apenas em fontes teóricas. Gerando assim dados para futuras pesquisas.

Conclui-se então que essa pesquisa não confirmou a hipótese, estando ausente em discussões pela comunidade acadêmica as simbologias da *anima* negadas e consecutivamente representadas nos sonhos. Assim, torna-se necessário que sejam realizados grupos de estudos teóricos e experimentais, orientação de grupos operativos e terapêuticos, além de seminários, dentre outros, que visem dialogar entre os preceitos Analíticos e suas relevâncias na existência dos fenômenos, para que se validem, confirmando ou não, pesquisas empíricas, já que estas são ausentes na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Fernando; BARATTO, Geselda. A “Psicologia do ego” e a Psicanálise: das diferenças teóricas fundamentais. **Filos**, [s. L.], v. 19, n. 25, p.307-331, 2007. Semestral.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

ANCONA-LOPEZ, Marília; LUCZINSKI, Giovana Fagundes. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**. Campinas, vol. 27, p. 75-82, jan – mar, 2010.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. A difícil arte de amar: A limitação do conhecimento entre o homem e a mulher, uma interpretação da psicologia simbólica junguiana. **Junguiana**, São Paulo, v. 1, n. 32, p.01-14, jul. 2014.

COSTA, Wagner Fernandes et al. Uso de instrumentos de coleta de dados em pesquisa qualitativa: um estudo em produções científicas de Turismo. **Revista Turismo - Visão e Ação**, [s. L.], v. 20, n. 4, p.1-28, 2018. Trimestral.

D’ÁVILA, Rafael. **19 ilustrações tristes mostram como está a nossa sociedade moderna, Você se identifica?**. 2018. Disponível em: <
<http://www.criatives.com.br/2018/05/19-ilustracoes-tristes-mostram-como-esta-a-nossa-sociedade-moderna-voce-se-identifica/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2019.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa. **Metodologia científica / O método dialético e suas possibilidades reflexivas**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

FARIAS, Samantha Hasegawa. et al. **Metodologia de pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa**. Revista Paraense de Medicina. Belém, vol. 23, n. 3, jul.-set. 2009.

FREUD, Sigmund. **A negação**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

INSTITUTO Junguiano de Ensino e Pesquisa. **O componente homossexual-heterossexual e alma na narrativa Junguiana**. Disponível em: <
<https://www.ijep.com.br/index.php?sec=artigos&id=215&ref=o-componente-homossexual-heterossexual--e--alma-na-narrativa-junguiana>>. Acesso em 19 de abr. de 2019.

JOHNSON, Robert Alex. **SHE - A chave do entendimento da Psicologia Feminina**. São Paulo: Mercury, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. (1976). OC vol. IX/2. Vozes, Petrópolis: 1982.

_____. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Estudos experimentais**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Elisângela Pereira. **As consequências de uma comunicação ineficaz no ambiente interno de trabalho**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

MAHUAD, João Luiz. **Por uma justiça igual para todos**. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/por-uma-justica-igual-para-todos/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

MARTINS, Simone. **O nascimento de Vênus, Sandro Boticelli**. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-nascimento-de-venus-sandro-boticelli/>>. Acesso em: 19 de abr de 2019.

MENESES, Renata Pasini de. **O Feminino reprimido: um estudo Junguiano sobre a Feminilidade**. 2003. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Faculdade das Ciências da Saúde, Brasília, 2003.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURÃO, Helen Reis. **Motivos Alquímicos nos sonhos**. Disponível em: <<https://www.cafecomjung.com/motivos-alquimicos-nos-sonhos/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2019.

NASCIMENTO, Miguel. **O Tempo de Janus**. Disponível em: <<https://salamancartvaldia.es/not/198114/o-tempo-de-janus/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

OBSOLESCÊNCIA programada em um sistema insustentável. **Evolução da Consciência**. Disponível em: <<http://evoluasuaconsciencia.blogspot.com/2014/11/obsolescencia-programada-em-um-sistema.html>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

OST, Stelamaris. Mulher e mercado de trabalho. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 64, maio 2009. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088>. Acesso em 02 de abr. de 2019.

PENNA, Eloisa M. D. (Org.). As mensagens dos sonhos: traduzir e compreender - processamento simbólico arquetípico. In: FARIA, Durval Luiz de; FREITAS, Laura

Villares de; GALLBACH, Marion Rauscher (Org.). **Sonhos na Psicologia Junguiana**. São Paulo: Paullus, 2014. p. 113.

PIMENTA, Felipe. **Análise do poema de Camões “Transforma-se o amador na coisa amada”**. Disponível em: <<https://felipepimenta.com/2013/08/19/analise-do-poema-de-camoes-transforma-se-o-amador-na-coisa-amada/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

PINTO, Wiliane da Silva. **EFEITOS PSICOLÓGICOS DA NEGAÇÃO DA ANIMA EM SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS: um estudo da literatura Analítica sob representações arquetípicas por meio dos sonhos**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

SAFATLE, Vladimir (Ed.). AQUELE QUE DIZ “NÃO”: SOBRE UM MODO PECULIAR DE FALAR DE SI. In: FREUD, Sigmund. **A negação**. São Paulo: Cosac Naif, 2014. p. 14-19.

SANTAELLA, Lucia. Mulheres em tempos de modernidade líquida. **Comunicação e Cultura**, [s. L.], n. 6, p.105-113, 2008. Semestral.

SANTOS, Arionauro da Silva. Charge Obsolescência Programada. Disponível em: <<http://www.arionaurocartuns.com.br/2018/11/charge-obsolescencia-programada.html>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

SANTOS, Roseane. **Consciente e inconsciente**. 2017. DISPONÍVEL EM:<<http://www.rosanesantos.com.br/inconsciente-comanda-nossas-decisoes/consciente-e-inconsciente/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

SIGNORELLI, Margareth. **O lado Masculino e o Feminino em cada um de nós**. Disponível em:<<https://conexaocoach.com.br/o-lado-masculino-e-feminino-de-cada-um-de-nos/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOMOS todos um, **A história de Eros e Psiquê**. Disponível em: <https://www.somostodosum.com.br/artigos/autoajuda/a-historia-de-eros-e-psique-4580.html>. Acesso em: 16 de mar. de 2019.

SUPREMO Tribunal Federal, **Símbolos da Justiça**. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=temis>. Acesso em: 16 de mar. de 2019.

TAVARES, Maria Raquel. **Alquimia da Consciência**. Disponível em: <<http://astrologia-humanista.blogspot.com/2012/11/alquimia-da-consciencia.html>>. Acesso em: 19 de abr. de 2019.

ULSON, Glauco. **O Método Junguiano**. São Paulo: Ática, 1988.

VIEIRA, Josênia Antunes. **A identidade da mulher na modernidade**. DELTA, São Paulo, v. 21, n. spe, p.207-238, 2005. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012>. Acesso em: 20 de abr. de 2019.

VON-FRANZ, Marie-Louise. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1988.

WACHOWICZ, Lílian Anna. A DIALÉTICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Diálogo Educacional**, Paraná, v. 2, n. 3, p.171-181, jan./jun.2001. Semestral.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.